

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Felipe Lima do Vale

ATIVISMO NO VALE DO YOUTUBE:

O papel de influenciadores digitais na formação identitária de jovens LGBT+ no Brasil.

Rio de Janeiro
2017

Felipe Lima do Vale

ATIVISMO NO VALE DO YOUTUBE:

O papel de influenciadores digitais na formação identitária de jovens LGBTQ+ no Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dra. Monica Machado Cardoso.
Coorientadora: Prof.^a M^a. Elaine Vidal.

Rio de Janeiro
2017

**ATIVISMO NO VALE DO YOUTUBE: O papel de influenciadores digitais na formação
identitária de jovens LGBT+ no Brasil**

Felipe Lima do Vale

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

Mônica Marçal

Prof. Dr./ Dra/ Ms. / Esp. Nome Completo – orientador

Peter Henry Fry

Prof. Dr./ Dra/ Ms. / Esp. Nome Completo

PETER HENRY FRY

Jana Wozniak

Prof. Dr./ Dra/ Ms. / Esp. Nome Completo

Aprovada em: 11/12/2017

Grau: 10,0 (Dez)

Rio de Janeiro/RJ

2017

Dedico este trabalho a todas as pessoas LGBTQ+ que vieram antes de mim e conquistaram direitos, espaços e visibilidade, mesmo que, muitas vezes, isso tenha lhes custado a vida. Esta pesquisa – e seu autor – talvez não existissem sem essas lutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus guias espirituais que me deram forças e abriram caminhos para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais, por terem me dado a oportunidade de ter algo que eles nunca tiveram.

À professora Mônica Machado por toda a assistência e apoio durante a realização do trabalho.

Aos amigos que conheci na Escola de Comunicação da UFRJ e aos que já estavam comigo antes dela, que contribuíram com afeto e companheirismo durante a caminhada. O crescimento não teria sido o mesmo sem vocês.

“You, as an alive and functioning queer, are a revolutionary”.

*Trecho do texto *The Queer Nation Manifesto*, que originalmente circulou entre pessoas que marchavam junto ao grupo ativista ACT UP durante a Parada Gay de Nova York, 1990.*

RESUMO

Este trabalho pretende explorar os aspectos acerca da formação identitária do jovem LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) brasileiro, investigando mais diretamente a ligação entre a formação identitária e sua ligação com influenciadores e produtores de conteúdo do YouTube. A análise busca compreender a forma como esses influenciadores, enquanto figuras representativas, atuam no desenvolvimento de uma identidade e compreensão do significado social e político do que é ser uma pessoa LGBTQ+. A primeira etapa do projeto analisa o contexto histórico da comunidade LGBTQ+ e sua formação enquanto grupo minoritário. Após o entendimento do contexto social, vamos explorar a questão da representatividade online e o papel de influenciadores digitais enquanto formadores de opinião, mais especificamente os produtores de conteúdo do YouTube. Através do referencial teórico proposto, analisamos as relações entre o ativismo e as novas tecnologias, compreendendo como se dá a convergência entre o mundo online e offline. O objetivo do estudo é compreender se esses indivíduos influenciam os jovens em questões de empoderamento, entendimento identitário e assunção da sexualidade, além de buscar pistas sobre a forma como essa influência ocorre. Por meio de questionário online misto, foi realizada uma pesquisa com jovens de 15 a 24 anos que se identificavam ou não como integrantes da comunidade LGBTQ+, com o objetivo de fazê-los refletir sobre os efeitos do contato online com indivíduos que produzem conteúdo relacionado à diversidade. A partir da análise das respostas obtidas, os resultados apontam que a influência exercida é positiva, fazendo com que os jovens tenham maior compreensão sobre suas sexualidades, além de tomarem conhecimento sobre o significado social da luta e universo LGBTQ+, reforçando o senso de pertencimento a uma comunidade e o conhecimento sobre a causa e elementos do meio LGBTQ+.

Palavras-chave: juventude lgbt, youtubers, identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: Idade	41
GRÁFICO 2: Orientação sexual / identidade de gênero	43
GRÁFICO 3: Orientação sexual por faixa etária	45
GRÁFICO 4: Percepção de influência	49
GRÁFICO 5: Descrição da influência	51

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Alcance dos youtubers

47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - MINORIAS, IDENTIDADES E LUTAS	16
1. UM CONCEITO DE MINORIA	16
1.1 IDENTIDADE E LUTA LGBT+ NO BRASIL E NO MUNDO	18
1.2 O MOVIMENTO LGBT+ E A IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE	21
CAPÍTULO 2 - INTERNET, INFLUENCIADORES E PÚBLICO LGBT+	24
2. A INTERNET COMO TRANSFORMADOR SOCIAL	25
2.1 CYBERCULTURA E REDES DE CONHECIMENTO	27
2.2 A INFLUÊNCIA ONLINE E SUA IMPORTÂNCIA NA ATUALIDADE	28
2.3 INFLUENCIADORES E CULTURA DA CONVERGÊNCIA	30
2.4 O QUE REPRESENTA UM INFLUENCIADOR DIGITAL?	32
CAPÍTULO 3	35
3. METODOLOGIA	35
3.1 INDIVÍDUOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA	36
3.2 DADOS COLETADOS, MEIO DE PROPAGAÇÃO E FERRAMENTA	36
3.3 RESULTADOS ESPERADOS	40
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5. CONCLUSÃO	55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	62
ANEXO 1 - Questionário	62

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2010, o projeto *It Gets Better* nasceu nos Estados Unidos, criado pelo jornalista Dan Savage, motivado pelo alto índice de suicídio entre jovens LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queers*, Intersexuais e Assexuais), motivados por bullying de cunho homofóbico. A ideia do projeto era conscientizar a população sobre o problema e prevenir o suicídio de jovens através do compartilhamento de histórias de adultos LGBTQ+, que contavam suas trajetórias de descoberta e luta contra o preconceito, tentando convencer os jovens de que, por mais que suas vidas parecessem difíceis e a luta contra as violências diárias fosse árdua, tudo melhoraria um dia.

Propagada através da internet e utilizando a plataforma YouTube como principal mídia, o projeto viralizou e o canal atingiu a marca de 650 vídeos colaborativos na segunda semana de criação, angariando o apoio de marcas, celebridades e público em geral. Tornando-se um enorme sucesso e ganhando versões em diversos países ao redor do mundo, a campanha firmou-se como forma de conscientização sobre as consequências do bullying homofóbico. Pela enorme visibilidade nas redes sociais e inúmeros vídeos compartilhados pelo YouTube, até hoje o projeto é internacionalmente conhecido e conta com uma central de apoio para jovens LGBTQ+, com profissionais qualificados trabalhando juntos pela prevenção do suicídio nessa população.

Mais recentemente, em setembro de 2017, uma mobilização ganhou destaque nas redes sociais após um juiz conceder uma liminar que dava brechas para que psicólogos, em sua maioria com motivações religiosas, tratassem a homossexualidade como doença e oferecessem terapias de “reversão” sexual a pessoas LGBTQ+ que assim desejassem. Utilizando hashtags como *#TrateSeuPreconceito* e *#HomofobiaNãoÉDoença*, milhares de usuários manifestaram sua indignação contra o juiz nas redes, fazendo com que o caso ganhasse notoriedade na imprensa nacional e internacional. Diversas histórias de pessoas que passaram por terapias de reversão sexual foram compartilhadas nas redes sociais e a discussão entrou na pauta de todos os veículos de comunicação do país.

Por perceber que sua plataforma era utilizada para tantas mobilizações contra o preconceito, o próprio YouTube lançou o *YouTube Creators For Change*, uma iniciativa que apoia canais que produzem conteúdo politicamente engajado sobre problemas sociais, “promovendo a conscientização, tolerância e empatia” dentro da plataforma. O projeto possui diversos embaixadores ao redor do mundo, sendo eles os próprios criadores de conteúdo, ou youtubers, que falam sobre os mais diversos temas que atravessam suas realidades, compartilhando suas histórias e produzindo, além de tudo, entretenimento.

Os casos apresentados mostram a importância da internet quando o assunto é a mobilização de minorias em busca de mudanças sociais. Quando utilizada como ferramenta para chamar a atenção para os problemas dessas minorias, a internet pode fazer com que a mídia e o restante da população tragam essas pautas à tona. Sendo permeada por uma democracia que não é vista com frequência nos meios de comunicação tradicionais, a internet propaga a voz de inúmeras pessoas que, de outras formas, não alcançariam essa visibilidade de forma tão acessível. Essa democracia digital, claro, depende do contexto social, cultural, político e econômico, além dos interesses dos gestores dessa infraestrutura. No Brasil, contudo, a internet se mostra como um meio mais democrático quando comparamos ao que conhecemos como mídia tradicional.

Por perceber a importância de redes de compartilhamento de conteúdo como o YouTube e o seu papel enquanto meio de mobilização para minorias, o presente estudo busca investigar o papel desses produtores de conteúdo dentro de um recorte específico da juventude LGBTQ+. A motivação para a realização do trabalho surgiu da proximidade com a causa e com a plataforma, além do desejo de descobrir se o trabalho feito pelas novas personalidades, que chamamos de *influenciadores digitais*, de fato surte efeito em quem o consome e, caso positivo, quais seriam esses efeitos. É importante ressaltar que, apesar de os conhecermos popularmente como “influenciadores”, o YouTube os denomina como “criadores de conteúdo” – e de fato o são. Há inúmeros estudos que avaliam a influência de pessoas no meio digital. Contudo, a maior parte é voltada para fins mercadológicos, a fim de entender a função das novas mídias para a publicidade de marcas, pessoas e empresas, sendo pouca e recente a literatura disponível com foco em estudos antropológicos e comportamentais do público consumidor desses conteúdos, ainda mais com um recorte tão específico.

A luta da população LGBTQ+ foi amplamente documentada ao longo da história. Não se pode ignorar que, mesmo sendo uma parcela marginalizada da população, a mobilização e o barulho feito pela comunidade LGBTQ+ trouxeram avanços notórios para os direitos civis desde o surgimento do movimento. Fachinni (2011) nos lembra que, dentre os movimentos sociais, a comunidade LGBTQ+ é uma das mais recentes, tendo alcançado um crescimento significativo ao redor do mundo e conquistando direitos como, por exemplo, o casamento igualitário, investimentos em saúde pública específica, adoção e reconhecimento jurídico da redesignação sexual para pessoas transexuais.

Se considerarmos o fato de que a homossexualidade era considerada uma doença e só foi retirada da lista de patologias da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990, sendo excluída do Código Internacional de Doenças (CID), pode-se dizer que o movimento busca o simples direito à vida. Além disso, atos homossexuais eram criminalizados em grande parte do ocidente na primeira metade do século XX, sendo ainda hoje criminalizados em 72 países com punições diversas, sendo a morte a pena a ser cumprida em 13 deles (ILGA, 2017).

Na esperança de ser mais uma ferramenta de propagação da luta LGBTQ+ e de conscientização sobre a importância de mudanças sociais, o objetivo deste trabalho é explorar os aspectos acerca da formação identitária do jovem LGBTQ+ brasileiro, investigando mais diretamente se a sua formação identitária está ligada à crescente influência de produtores de conteúdo do YouTube. A análise busca compreender a forma como esses produtores, enquanto figuras representativas, auxiliam ou não o desenvolvimento de uma identidade e compreensão do significado social do que é ser uma pessoa LGBTQ+.

A hipótese de que youtubers poderiam ajudar nas descobertas identitárias de jovens surgiu do acompanhamento e observação de canais cujos protagonistas declaravam publicamente suas identidades LGBTQ+. Ao perceber a proximidade desses indivíduos com seu público, surgiu o interesse de compreender qual é o espaço ocupado por eles enquanto figuras representativas para os jovens. Antes do advento da internet, essa representatividade só era encontrada através do apoio mútuo de membros da comunidade, já que personagens homossexuais, bissexuais ou transgêneros dificilmente eram vistos na grande mídia e, quando eram, apareciam de forma distorcida e caricata (FACCHINI, 2011). Com a possibilidade de produzir e compartilhar conteúdo de forma independente, o ciberespaço tornou-se parte essencial da luta das minorias na atualidade.

Para atingir os objetivos supracitados, selecionamos diversos canais do YouTube que se enquadravam na temática LGBTQ+, seja por meio de seus protagonistas falando abertamente sobre suas sexualidades ou por meio de convidados que colocassem a questão em pauta. Os canais não foram selecionados por necessariamente falarem sobre a temática LGBTQ+, sendo a simples participação dessas pessoas um critério decisivo para sua seleção. Após a triagem inicial de canais criados ou frequentados por lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais, buscamos pontos de contato com o público consumidor desses conteúdos através de grupos de fãs em redes sociais como o Facebook, além do Twitter e o próprio YouTube, através dos comentários dos vídeos.

Por meio de um questionário misto, com um viés quantitativo e outro qualitativo, entrevistamos os jovens espectadores desses canais, com foco inicial naqueles que se declaravam como pessoas LGBTQ+ e se encontravam na faixa de idade de 15 a 24 anos estabelecida para o estudo. Como também houve a participação de jovens que se declararam heterossexuais, dedicamos um trecho do trabalho aos efeitos nessa parcela do público. O questionário foi veiculado de forma inteiramente online, sendo hospedado na plataforma Typeform, com questões de cunho demográfico, além de outras que tentavam fazer os entrevistados refletirem sobre os efeitos do conteúdo produzido pelos youtubers em suas identidades e relações sociais.

Sendo assim, o primeiro capítulo do trabalho busca uma definição do conceito de minoria e tenta compreender as subjetividades envolvidas no processo de descoberta identitária. A partir dos estudos de Muniz Sodré (2009), que relaciona as minorias à impossibilidade de fala e

representatividade em diversos campos da sociedade, começamos a refletir sobre os impulsos que levam os integrantes de uma minoria a buscar uma mudança de seu status social através de uma luta contra-hegemônica. Para explorar a formação desses impulsos sob outras perspectivas, suscitamos também a ideia de devir-minoritário de Deleuze e Guattari (1997) na esperança de compreender melhor a formação da identidade e a inquietação que leva um indivíduo ao desconforto com a opressão e à construção de um novo lugar de fala.

Além disso, a primeira parte do projeto também foca no contexto histórico da comunidade LGBTQ+ e sua formação enquanto grupo minoritário. Através de análise da literatura, tentaremos compreender as agruras enfrentadas por essa população e a forma como a sociedade os enxerga, para que exploremos de forma satisfatória as razões que levam jovens LGBTQ+ a terem que esconder suas sexualidades e identidades de gênero durante os primeiros estágios de descoberta e, nos estágios seguintes, a busca por compreensão e entendimento de seus iguais (TROIDEN, 1988). Sob uma ótica trazida por Foucault (1988), refletiremos sobre o significado econômico e social do sexo e o que fez com que comportamentos sexuais destoantes da norma fossem estigmatizados e vistos como incorretos. Complementamos o pensamento com as ideias de Judith Butler (2013) sobre o papel da performance de gênero e os efeitos para a vida do indivíduo que falha em cumprir um papel social previamente estabelecido.

Após o entendimento do contexto social e do que significa ser um integrante da comunidade LGBTQ+, a segunda parte do trabalho explora o poder da internet enquanto ferramenta de comunicação e o seu papel nas novas formas de relacionamento da sociedade, já que a internet permitiu, pela primeira vez, uma maior democratização da comunicação. Norteados pelos estudos de Castells (2003), entenderemos melhor o funcionamento da Sociedade em Rede, bem como os efeitos da internet em aspectos culturais, sociais e organizacionais no mundo offline, para então entendermos o poder transformador da internet e a importância de seu uso para fins políticos.

Uma noção sobre a criação do ciberespaço também é necessária para compreender a posterior formação da cultura digital, já que o primeiro foi uma ferramenta essencial para a criação da segunda. Funcionando como um mediador, o ciberespaço tornou-se um lugar onde todos os conhecimentos e informações circulantes na rede tornam-se acessíveis, fazendo com que a construção cultural ganhasse um viés participativo e bilateral nunca antes experimentado em nossa sociedade (LÉVY, 1999).

A seguir, abordaremos a questão da representatividade online e o significado dos influenciadores digitais enquanto formadores de opinião. Com o advento da internet e das redes sociais, que estabeleceram novas formas de relacionamento, ocorreu a criação de um novo status de "celebridade", baseado em seguidores no mundo online, que detém grande poder de persuasão e proximidade com o seu público (GRANJA, 2016). Essa característica é amplamente explorada por

marcas, que enxergam inúmeras possibilidades de lucro no poder de persuasão e confiabilidade depositados em criadores de conteúdo. O intuito é compreender como esses indivíduos influenciam os jovens em questões de entendimento identitário, ao invés da ótica comercial que é comumente abordada nesse tema.

Por fim, esbarramos também nos estudos de Jenkins (2008) para tentar compreender como a cultura digital converge para outras mídias, indo do online ao mundo “real”, esperando entender melhor como os produtores de conteúdo atravessam barreiras ao ponto de influenciar ações de seus seguidores. Jenkins explica que a construção de narrativas transmidiáticas é essencial para a criação de interações complexas entre um produtor de conteúdo e seu público, e que a cultura da convergência é, além de um fenômeno tecnológico, um fenômeno social. A definição de cultura participativa, que fala sobre o papel do consumidor do conteúdo na criação do mesmo, pode ser uma das explicações para uma relação de proximidade tão grande entre o influenciador, o produto final e os espectadores (JENKINS, 2008).

Já no terceiro capítulo, detalharemos a metodologia e buscaremos analisar as respostas dadas pelos entrevistados, a fim de estabelecer uma conexão entre a descoberta de suas identidades sexuais e um maior conhecimento sobre a temática LGBTQ+ com os youtubers selecionados para o estudo. Além disso, associaremos esses resultados ao referencial teórico aqui proposto, tentando entender as etapas da descoberta da sexualidade e o papel da representatividade nas mídias contemporâneas.

Portanto, o objetivo do estudo é compreender o papel das novas mídias e tecnologias como ferramenta de luta dentro de um recorte minoritário, mais especificamente o da juventude LGBTQ+. Tentaremos entender como as formas de luta contra-hegemônica e os modelos de representatividade se reinventaram a partir das novas tecnologias, garantindo voz à minoria em questão, além de trazer pistas sobre a efetividade de um ativismo digital na vida real do público de interesse. A esperança é de que o presente trabalho seja, além de uma fonte de informações sobre a interseção entre o ativismo e a cultura digital, um catalisador para o crescimento da visibilidade e da luta da população LGBTQ+ por uma igualdade plena.

CAPÍTULO 1 - MINORIAS, IDENTIDADES E LUTAS

1. UM CONCEITO DE MINORIA

Quando falamos em um determinado tipo de minoria, uma definição do que caracteriza esse grupo se faz necessária. Primeiramente, é importante ressaltar que, no mundo ocidental, diferentes populações são consideradas minoritárias, o que torna a minoria um conceito extremamente diverso e heterogêneo. Muniz Sodré (2009) elucida que a palavra minoria traz consigo um sentido dúbio, que remete ao contrário de maioria, possuindo, assim, caráter quantitativo. Vivemos, por exemplo, em um regime democrático, que faz valer a vontade da maioria. Contudo, Sodré (2009) define a democracia como “um regime de minorias”, onde a palavra toma um caráter qualitativo.

Sendo assim, o conceito de minoria está diretamente atrelado à capacidade desses indivíduos de se fazer ouvir e valer seus direitos perante a estrutura política e social vigente. Sendo a democracia representativa, os setores minoritários são aqueles que estão distantes ou com poder de fala reduzido em instâncias decisórias em nossa sociedade, não tendo voz para fazer valer seus interesses e direitos plenos. Dessa forma, não podemos entender as minorias como sendo numéricas. Um exemplo disso é a população negra, que compõe mais da metade da população brasileira e, ainda assim, é um grupo minoritário por não ter voz política ou autoridade dentro do sistema hegemônico, que é branco e racista.

Sodré (2009) diz ainda que “o que move uma minoria é o impulso de transformação”, sendo a minoria um local de passagem, turbulento e conflituoso, onde se aglomeram os excluídos em busca de mudanças subjetivas, identitárias e políticas. A força da minoria se dá justamente em sua simbologia, sendo sua existência a prova da mobilização e posição de luta contra a hegemonia de um determinado grupo.

É a este impulso que Guattari (1986) chama de “devir-minoritário”. O devir faz o sujeito se destacar da maioria e perceber suas diferenças subjetivas enquanto indivíduo. Assim como Sodré, ele destaca o fato de que o conceito de maioria não está ligado a um sentido numérico, mas a um estado de dominação. A maioria é a definição do padrão dominante que estabelecerá a norma aceita socialmente, tornando cada engrenagem da estrutura social uma ferramenta que favorece tais integrantes da norma (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Dessa forma, podemos dizer que, de maneira prática, a sociedade é construída e pensada para homens, brancos, ocidentais, heterossexuais, etc.

Deleuze (1992) também nos ajuda a entender a formação e entendimento da subjetividade do sujeito. Ele diz que o processo de subjetificação é contínuo em nossa aprendizagem. Tudo que é oferecido às nossas mentes é passível de ressignificação e transformação em signos e esse processo ocorre de forma contínua. A criação de uma subjetividade individual faz com que o indivíduo se relacione com a sua cultura e com todos os signos com os quais entra em contato de forma única e

particular. Contudo, a cultura comum diz respeito à maioria e, quando a subjetividade vai de encontro a ela, se faz necessário o seu cruzamento com a política, já que quando o sujeito encaminha sua subjetividade em direção a uma identidade destoante, a identidade dominante se torna automaticamente oposta.

Quando o devir entra em cena, o sujeito começa a se questionar sobre o que ele realmente é e o que representa dentro da sociedade em questão. Tal questionamento faz com que sua identidade e autoconhecimento em relação à maioria seja abalado, trazendo à tona a necessidade de criar uma nova identidade que, de alguma forma, fogue à norma padrão. A inquietação trazida pelo devir em questão faz com que o indivíduo entre num fluxo de questionamento em relação à maioria em que, outrora, estava inserido. Tais questionamentos entram em conflito com a sociedade, pois quando indivíduos criam novas formas subjetivas de se relacionar com o todo, o todo é obrigado a se questionar, muitas vezes contra sua vontade. De forma prática, pode-se dizer que o devir-minoritário é a fagulha inicial que posteriormente inflama as minorias pela organização em busca de mudanças sociais.

Sendo assim, Guattari (1986) nos mostra que o devir é minoritário porque parte diretamente do não-conformismo com a maioria. Por isso existe o devir-mulher, o devir-negro, o devir-homossexual e assim por diante. O devir de Guattari e o impulso citado por Sodré se cruzam por definir com perfeição o momento em que um sujeito percebe que sua subjetividade difere do todo e que essa percepção se torna combustível para mudanças sociais político-subjetivas, já que acabam por trazer a necessidade de mudanças no tecido social para que sua nova forma de ser seja contemplada.

Após a percepção subjetiva, porém, surge ao indivíduo a necessidade de se reconhecer enquanto sujeito político dentro da sociedade que integra. Sodré (2009) separa as características básicas das minorias em quatro fatores: 1. vulnerabilidade jurídico-social, em que o grupo em questão carece de institucionalização pelas regras vigentes, e por isso pode ser considerado vulnerável; 2. identidade *in statu nascendi*, caracterizada pelo condição de identidade em formação, do ponto de vista da identificação social; 3. luta contra-hegemônica, sendo a luta, inicialmente simbólica, pela redução do poder hegemônico e abertura de espaços de voz para si; 4. estratégias discursivas, que são adotadas ferramentas de luta, como por exemplo as campanhas, manifestos, atos, passeatas e utilização dos meios de comunicação, como a internet, nos dias de hoje.

É dentro dessa perspectiva de discursos contra-hegemônicos, possibilitados pela internet em plataformas de redes sociais, que esse trabalho analisa os efeitos da organização e compartilhamento de ideias entre os jovens LGBTQ+. A mobilização de grupos marginalizados na internet e, através do YouTube, a propagação de ideias de empoderamento, histórias de vida e companheirismo mútuo se encaixam perfeitamente no modelo de luta contra-hegemônica proposto por Sodré, fazendo uso de

uma ferramenta de comunicação massiva. No tópico a seguir há uma contextualização maior sobre o histórico de luta do grupo e a escolha desse recorte específico para o trabalho.

1.1 IDENTIDADE E LUTA LGBT+ NO BRASIL E NO MUNDO

Quando falamos em minorias, entramos no delicado campo da criação de identidades que acabam por desempenhar um papel político na sociedade. Após o entendimento da subjetividade e do devir-minoritário elucidados por Deleuze e Guattari (1986), mostrando como o autoconhecimento se torna um propulsor para mudanças sociais, se faz necessário explorar o processo de formação identitária de pessoas LGBT+ enquanto seres políticos e pertencentes a um grupo capaz de reivindicar e lutar por mudanças na sociedade. Contudo, o conceito de identidade é mais complexo e, no caso da identidade LGBT+, precisamos explorar os elementos que levam à sua formação.

No que diz respeito a uma identidade e senso de pertencimento LGBT+, seu surgimento se dá no momento em que um determinado grupo de pessoas se rebela contra um sistema opressor. No livro “O que é homossexualidade?”, Peter Fry (1985) nos lembra que a homossexualidade, outrora considerada doença ou crime, ganha status político no momento em que homossexuais passam a lutar contra a repressão, fazendo com que algo que, até então, era pessoal e clandestino para as luzes da militância na década de 1970, estimulando-se um sentimento de orgulho identitário.

Sob uma ótica pós-estruturalista, os estudos de Foucault (1988) sobre a sexualidade têm sido utilizados para embasar trabalhos que envolvem a população LGBT+ e a sexualidade. Para analisar as motivações de indivíduos LGBT+ na busca de conhecimento e aceitação online, precisamos pensar, primeiramente, nas razões que reprimem o sexo, especialmente, neste caso, o homossexual. Precisamos, também, questionar a quem serve esta repressão sexual, explorar os motivos de ela existir e como ela afeta os indivíduos sob determinada condição.

Sobre os motivos para a regulação sexual, a razão comumente oferecida em tempos primórdios era a demográfica, com inúmeras motivações religiosas envolvidas. A leitura da população enquanto problema econômico e político, exigindo uma regulação da taxa de natalidade e de um estímulo à frequência quase que compulsória das relações sexuais ressignificaram o sexo e, conseqüentemente, as diferentes orientações sexuais.

A ligação entre a maneira como cada indivíduo utiliza o sexo e a construção da sociedade foi questionada por Foucault, que denuncia essa prática como sendo economicamente útil, acabando por marginalizar todas as práticas sexuais dissidentes da norma heterossexual reprodutiva. Daí a contradição: reprime-se o sexo, mas cria-se a necessidade de que ele seja falado, para que sirva aos propósitos econômico-sociais (FOUCAULT, 1988).

Ainda no campo teórico pós-estruturalista, os pensamentos de Judith Butler (2013) convergiram com os de Foucault e trouxeram inúmeras contribuições para os campos da sexualidade e gênero. Contudo, a intenção de Butler era discutir sexualidade sob uma visão social, ao invés de biológica.

A partir da desconstrução da dicotomia entre sexo e reprodução, Butler questiona o que se chamava de natureza biológica de homens e mulheres. Para ela, a exigência de uma atividade sexual reprodutiva era construída para ser compulsória, empurrando todos os indivíduos para um lado majoritariamente heterossexual e condenando todas as práticas sexuais distoantes, com efeitos negativos para as mulheres, principalmente (BUTLER, 2013).

Sendo assim, a definição de dois gêneros estaria diretamente relacionada a uma dicotomia que mantém essa ordem compulsória da sociedade, mantendo uma noção de estabilidade que favorece uma estrutura que tem interesses diretos na criação de padrões que regulem a reprodução para fins econômicos. Portanto, desde a barriga da mãe, o gênero é previamente estabelecido para que se possa dar continuidade à dicotomia: se possui pênis, deve assumir o gênero masculino e seu interesse sexual deve ser pelo gênero feminino; se possui vagina, deve assumir o gênero feminino e seu interesse sexual deve ser pelo gênero masculino (BUTLER, 2013).

Segundo Butler, essa manutenção se dá a partir da criação de gestos, hábitos e signos que são constantemente repetidos na cultura ocidental, reforçando a construção social de como devem agir e ser os corpos masculinos e femininos, tornando o gênero nada mais do que uma questão de performance repleta de signos embutidos. A esse conjunto de fatores que determinam a sexualidade de um indivíduo, pressuposta por outros fatores de ordem biológica, Butler chamou de performatividade (BUTLER, 2013).

Portanto, o indivíduo não-heterossexual desafia diretamente a performatividade de gênero imposta pela sociedade. Não desafia por querer, mas de forma involuntária, falhando miseravelmente em sua performance previamente estabelecida e encarando a necessidade de construir ou encontrar um novo lugar de fala para si. Dessa forma, a comunidade LGBTQ+ não segue a ordem social, assim como a função reprodutiva do sexo na sociedade, tornando-se um alvo do sistema compulsório que tenta assegurar tal estabilidade a todo custo. Por ser obrigada a lutar contra esse sistema, a comunidade enfrenta a violência de toda uma estrutura que tenta empurrá-la para um lugar social considerado “correto” (BUTLER, 2013).

Sendo assim, a formação de uma identidade comum a todas as pessoas LGBTQ+ está diretamente ligada às experiências de retaliação vindas de um sistema de heterossexualidade compulsória. Pelo desafio à norma heterossexual e aos propósitos econômicos ligados à reprodução e performatividade de gênero, esses indivíduos são atacados e empurrados à norma desde o primeiro sinal de sexualidade destoante.

O contato prematuro com as violências da sociedade e, muitas vezes, o abandono familiar relatado por membros da comunidade LGBTQ+ faz com que esses indivíduos busquem apoio em quem entende seus percalços e compartilha suas dores: eles mesmos. Essa união faz com que as diferenças entre eles e os integrantes da maioria fiquem cada vez mais evidentes, tornando a identidade minoritária cada vez mais gritante. Quando pensamos que o movimento LGBTQ+ carrega consigo uma subcultura relacionada às suas experiências específicas enquanto grupo oprimido, bem como suas expressões culturais que se apresentam nas mais variadas formas, como literárias, musicais, linguísticas e comportamentais, esbarramos nos estudos de Stuart Hall (1996) que abarcam os movimentos culturais.

Ao abordar o ponto que diz respeito à sensação de pertencimento e criação de uma identidade enquanto grupo, tangenciamos as ideias de Hall (1996) sobre identidade cultural, sendo definidas como as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelas características semelhantes que compartilham, que podem estar relacionadas também às vivências e semelhanças entre realidades. Tendo a formação de uma identidade um valor e relevância sociopolíticos, a sua importância para grupos socialmente oprimidos se torna ainda maior, já que se torna um instrumento de autoafirmação e luta contra a hegemonia de uma estrutura esmagadora e previamente estabelecida (HALL, 1996).

Buscando dialogar com os estudos de Hall sob uma perspectiva contemporânea, este estudo inclina-se a entender o papel desempenhado por influenciadores digitais na formação identitária do jovem LGBTQ+ brasileiro especificamente, propondo-se a analisar se esse senso de pertencimento e formação identitária são diretamente estimulados pelo consumo de conteúdo e proximidade com esta nova gama de formadores de opinião.

Pessoalmente, o assunto se fez notar pelo interesse na história da comunidade e do movimento LGBTQ+, indo desde o contexto social anterior à Segunda Guerra Mundial, quando pessoas LGBTQ+, majoritariamente homens homossexuais, foram sistematicamente perseguidas, presas e exterminadas pelo regime nazista, até o início dos movimentos que reivindicavam direitos civis na década de 1960, em San Francisco. Desde então, a comunidade LGBTQ+ lutou por igualdade e enfrentou diversos percalços, como a crise da AIDS nos anos 1980, que quase dizimou a população homossexual masculina (BRASIL, 2002). A luta dessa população pelo mero direito à sobrevivência e exigências por direitos civis avançou a ponto de governos criarem leis e políticas de saúde específicas direcionadas ao público LGBTQ+ nos tempos atuais (BRASIL, 2013).

Ainda explorando o contexto histórico, quando se fala em formação identitária enquanto minoria, fala-se também em criação de comunidades, tribos ou outros aspectos de identificação em grupo. Para as gerações anteriores, as figuras de referência para o entendimento e formação de consciência da pessoa LGBTQ+ eram escassas. Restritos a guetos e condenados à clandestinidade, os jovens comumente enfrentavam suas questões e preconceitos de forma solitária (TROIDEN, 1988).

A partir do momento em que a formação de uma comunidade cria e caminha junto a uma cultura, as figuras de referência começam a aparecer para guiar a formação dos integrantes mais novos dessa minoria (TROIDEN, 1988).

Mesmo sendo um movimento tão recente e não tendo alcançado a igualdade plena, a população LGBT+ é uma das minorias sociais cuja busca por direitos avançou mais rapidamente ao longo dos anos. Isso jamais aconteceria sem mobilização e autoproteção, além da consciência identitária da comunidade, já que em gerações passadas o apoio da família era inexistente, fazendo com que seus integrantes tivessem que ser referência de luta uns para os outros (FACCHINI, 2011). A partir deste cenário, foi aguçada a curiosidade para descobrir se a formação dessa identidade se dá de forma diferente para a população LGBT+ dos dias atuais que, ao contrário das gerações passadas, dispõe de uma grande variedade de referências lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais nos meios digitais para compreender suas questões e adquirir consciência sobre seu papel na sociedade (FACCHINI, 2011).

A partir da revolução dos meios de comunicação protagonizada pela internet, a produção de conteúdo e entretenimento foi democratizada a ponto de permitir que pessoas de todo o mundo ganhassem visibilidade e novas referências sobre o que é ser influenciador e influenciado (CASTELLS, 2003).

Com isso, minorias marginalizadas não dependem mais de espaços elitizados e de difícil acesso para serem ouvidas, tornando esses avanços ainda mais significativos por não restringir as discussões aos guetos, levando suas experiências e conhecimentos a pessoas de todas as classes sociais, gêneros, etnias e lugares e alcançando uma visibilidade nunca experimentada pelas gerações anteriores. Isso fica evidente quando percebemos que discussões sobre sexualidade e gênero nunca antes foram tão comuns na sociedade (FOX & RALSTON, 2016).

Dessa forma, torna-se de grande importância a identificação e estudo dos efeitos do ganho de voz e visibilidade de produtores de conteúdo para o YouTube, com enfoque na comunidade LGBT+, e a maior aceitação de jovens dessa população por suas famílias, amigos e eles próprios, descobrindo o papel dos atuais produtores de conteúdo enquanto facilitadores dessa emergente formação identitária.

1.2 O MOVIMENTO LGBT+ E A IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Para os movimentos sociais, a internet representou o ganho de visibilidade e voz, antes restritos a espaços elitizados e dominados pela grande mídia tradicional. Segundo Fachinni (2005) a comunidade LGBT+ foi uma das minorias cujo ganho de visibilidade mais ajudou a acelerar a

conquista de políticas públicas e direitos civis. Isso se deu através do uso de incidência política e trabalho por visibilidade massiva.

No Brasil, o crescimento dessa visibilidade se deu a partir dos anos 90, através da organização de eventos e Paradas do Orgulho LGBTQ+, por candidaturas políticas e projetos de lei, além das constantes tentativas de incluir a temática homossexual na cultura popular de forma mais positiva, através de personagens e uso de mídias informativas, por exemplo (FACHINNI, 2005). No entanto, o advento da internet trouxe possibilidades inéditas para a propagação da imagem de pessoas LGBTQ+ como sujeitos dignos de direitos. E é nesse contexto que pretendo focar o meu trabalho, me debruçando sobre a influência de formadores de opinião em plataformas como o YouTube sobre jovens LGBTQ+ que buscam explicações e entendimento sobre sua identidade sexual ou de gênero.

Em meios digitais, o compartilhamento de histórias pessoais funcionam como um catalisador de mudanças sociais. Apesar dos obstáculos, a propagação da diversidade em espaços públicos moldam novas normas culturais e trabalham a aceitação do diferente, contribuindo profundamente para uma gradual mudança social (VIVIENNE, 2013).

A construção de espaços de discussão online que promovem a troca de experiências, fortalecimento de identidades, organização, mobilização e busca por novas vozes fizeram com que grupos minoritários se fortalecessem e estabelecessem uma rede de contato muito valiosa para combater o preconceito (MARQUES e NOGUEIRA, 2012). Com menos formalidades e mais agilidade, as causas minoritárias podem ser compartilhadas quase que de forma instantânea, ampliando sua visibilidade e utilizando suas histórias como forma de sensibilizar e persuadir o grande público (MARQUES, 2012). Isso fez com que temas antes silenciados se fizessem ouvidos e pautas antes inexistentes agora fossem levadas em consideração numa esfera social muito maior, diminuindo drasticamente o estigma relacionado à população LGBTQ+.

As redes sociais e o compartilhamento de experiências contribuem profundamente para a afirmação da identidade enquanto minoria. Segundo estudo realizado por Fox (2015) com usuários do Facebook, pessoas LGBTQ+ que ainda estavam “no armário” tendiam a permanecer em silêncio frente à heteronormatividade dominante, enquanto o grupo de participantes assumidos utilizavam a plataforma para reafirmar sua voz, contribuindo para o empoderamento de outros indivíduos enquanto minoria e silenciando opressões.

Como citado anteriormente, em 2010 a campanha *It Gets Better* teve início nos Estados Unidos, trazendo à tona a questão do suicídio e do bullying cometido contra jovens LGBTQ+. Durante meses, artistas, produtores de conteúdo LGBTQ+ e integrantes da comunidade compartilharam suas histórias por meio de vídeos na plataforma YouTube. Green (2015), ao estudar os efeitos e motivações da campanha, revelou que essa exposição voluntária de histórias pessoais de forma não-anônima para um público desconhecido mostrava diversas nuances da formação de jovens não-heterossexuais,

indicando que a juventude LGBT+ tinha uma carência constante de amizade, suporte e empatia e que a campanha teve um impacto positivo justamente por suprir essas carências.

CAPÍTULO 2 - INTERNET, INFLUENCIADORES E PÚBLICO LGBT+

Ainda que os estudos de Castells (2003) sobre os avanços trazidos pela internet venham a nortear grande parte desta etapa do trabalho, devemos salientar outros pensamentos sobre a formação de uma cultura digital, a fim de trazer luz à todas as faces das novas interações sociais. Sendo assim, antes de discorrer sobre o papel da internet enquanto ferramenta transformadora da sociedade, é preciso passar por suas características positivas e negativas, além das consequências sobre as interações humanas.

Apesar de facilitar a comunicação e possibilitar a troca de informações com velocidade e precisão jamais vistas, são inúmeros os estudos que abordam os aspectos negativos do ciberespaço, principalmente no que diz respeito à falta de interações face a face e os efeitos da efemeridade da internet nas relações pessoais, além de fatores como o uso do espaço digital para crimes cibernéticos, cyberbullying, entre outros. Daniel Miller (2012) ressalta que a internet é uma faca de dois gumes e que não podemos olhar apenas para seu lado positivo. Para fins de reflexão, podemos utilizar como exemplo o fato de que, por um lado, a internet proporciona livre acesso a conteúdos que antes estavam restritos a uma parte da população, mas ao mesmo tempo pode impedir que os autores dos conteúdos recebam a compensação por seu trabalho.

A liberdade de comunicação e o livre fluxo de informações proporcionados pelo ciberespaço é, então, ambivalente no sentido de que pode servir para fins positivos ou negativos. Ao mesmo tempo em que a internet dá voz a pessoas oprimidas, também pode criar um campo fértil para uma propagação ainda mais rápida da hegemonia de culturas ocidentais, por exemplo, já que o sistema também se apropria das novas tecnologias para manter a estrutura vigente (MILLER, 2012). Outro exemplo trazido por Miller nos lembra que as mesmas redes sociais que proporcionam mobilizações capazes de levar o povo às ruas em busca de melhorias, como na Primavera Árabe, também podem facilitar o reconhecimento, localização e repressão de ativistas por regimes totalitários.

Além disso, o uso da internet para fins de propagação de ideias pode ser limitado por sistemas algorítmicos de redes sociais e pela possibilidade de consumo exclusivo de conteúdos que queremos ver, limitando-nos ao contato com pensamentos semelhantes e raramente permitindo a troca de experiências com visões contrárias. Isso pode nos levar a paradoxos como um maior isolamento intelectual e resistência a novas ideias em um meio que deveria ser favorável à criação do efeito contrário.

A possibilidade de ter apenas o contato com ideias semelhantes pode nos levar a visões unilaterais sobre opiniões políticas, gostos e discursos, sendo esses apenas alguns exemplos do isolamento social que pode ser trazido pela internet. Eli Pariser (2012) no livro “O Filtro Invisível: O que a internet está escondendo de você” discorre sobre os efeitos do uso seletivo da internet e do

cerceamento de informações causado pelos algoritmos de redes como Facebook, Twitter e YouTube. Essa bolha intelectual criada e perpetuada pela cultura digital traz efeitos que se estendem até mesmo à conjuntura política, como o crescimento de grupos de extrema-direita, que encontraram na internet a possibilidade de disseminar ideias que antes não poderiam ser propagadas em meios convencionais (PARISER, 2012).

De fato, é importante refletir de forma crítica sobre a criação de bolhas e sobre a dicotomia que acompanha a cultura digital, explorando seus males e benefícios. Entretanto, é importante ressaltar que o presente trabalho dará ênfase nos aspectos positivos dessa cultura e do uso da internet como rede de sociabilidade e propagação de informações positivas. Ao avaliar os efeitos do ganho de voz e da possibilidade de produção de conteúdo independente, principalmente sobre a população jovem LGBT+, este estudo inevitavelmente se debruça sobre aspectos da cultura digital que são favoráveis ao empoderamento e construção de novos espaços de fala.

2. A INTERNET COMO TRANSFORMADOR SOCIAL

As interações interpessoais, antes limitadas ao contato físico face a face, agora florescem apesar de fatores como a distância, diferenças sociais, barreiras linguísticas e até mesmo elementos comportamentais e emocionais, como a timidez. Dito isso, vale ressaltar a importância da comunicação para a sociedade humana, que sempre encontrou formas de torná-la realidade. No artigo “A História das Redes Sociais”, Oliveira nos lembra:

Falar do surgimento das redes sociais nos leva ao início da civilização onde o homem se reunia em torno de uma fogueira para compartilhar gostos e interesses. As Redes sociais surgem exatamente dessa necessidade do ser humano em compartilhar com o outro, criar laços sociais que são norteados por afinidades entre eles. Dessa forma, entendemos redes sociais como qualquer grupo que compartilhe de um interesse em comum, um ideal, preferência, etc. Exemplos de redes sociais: Clube de futebol, igreja, sala de aula, empresa. Quando essa interação social parte para o ambiente online, nesse momento temos as chamadas **redes sociais digitais**, e estas têm passado constantemente por uma série de evoluções (OLIVEIRA, 2011).

A partir deste lembrete, começamos a entender os avanços que o mundo digital proporcionou às mais variadas formas de relacionamento. Contudo, o crescimento das redes sociais não apenas facilitou a comunicação, como também a ressignificou. De simples trocas de e-mails e mensagens, passamos a estabelecer conexões e interações sociais no meio online, compartilhando momentos, imagens e todos os outros elementos relacionados à vida cotidiana. Terra (2013), ao abordar a evolução das redes sociais em seus estudos, questionou as mudanças nos padrões comportamentais, culturais, de consumo e até de posicionamentos políticos, trazendo à tona os aspectos positivos e negativos do uso das redes sociais.

Desde o surgimento da internet e das novas formas de relacionamento trazidas por ela, o ativismo online tem desempenhado um papel importante para grupos marginalizados e suas organizações pela conquista de direitos e autoproteção. A utilização do ciberespaço como meio de propagação de ideias e organização de grupos ativistas não é nova. As tecnologias da informação têm desempenhado um papel importantíssimo como ferramenta de mudanças políticas e moldado uma nova forma de relacionamento de grupos oprimidos com suas comunidades, sociedades e até mesmo governos. Vivemos incontáveis exemplos do uso político da internet nos últimos anos que causaram efeitos significativos para a organização de protestos e propagação de ideias que ganharam notoriedade ao redor do mundo, como a Primavera Árabe em 2010 (SANDOVAL-ALMAZAN, 2014), além dos protestos contra a corrupção do governo em várias capitais do Brasil em 2013.

Segundo Castells, vivemos o momento da Sociedade em Rede, caracterizada por tecnologias da informação que mantêm a estrutura social. A Sociedade em Rede traz consigo efeitos organizacionais de cunho social, econômico e cultural, principalmente no que diz respeito às liberdades individuais e avanços tecnológicos. Dessa forma, as informações, organizações e ideias propagadas através da internet não podem mais ser dissociadas do mundo “não-virtual”, já que passaram a influir diretamente na forma como se dão as relações sociais no nosso cotidiano (CASTELLS, 2003).

Ainda segundo Castells (2003), o poder da internet como agente transformador do mundo dito “real” não pode ser ignorado devido ao poder de transpor barreiras geográficas, sociais e temporais. Essas transformações não são recentes. Todas as revoluções tecnológicas que já vivemos funcionaram de alguma forma como fator excludente ou não para os relacionamentos interpessoais e como capital valioso para a ocupação de uma determinada posição social. Em suma, o poder de se comunicar e ser ouvido é um privilégio que, nos últimos tempos, vem sendo cada vez mais popularizado graças às redes sociais. Em seu livro “A galáxia da internet”, Castells dizia:

(...) A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no ocidente criou o que McLuhan chamou de a “galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a “galáxia da internet”. O uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. (...) A influência das redes baseadas na internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS, 2003, p.8)

2.1 CYBERCULTURA E REDES DE CONHECIMENTO

Dentre todas as ferramentas de comunicação modernas, a internet possui um papel de destaque. Sua criação, popularização e participação na vida cotidiana possibilitaram uma comunicação e compartilhamento de informações de forma rápida, tornando o seu uso indispensável nos dias atuais. Contudo, um salto tecnológico dessas proporções trouxe à tona diversas questões sobre as implicações sociais trazidas pelo advento da internet.

Neste contexto, os estudos de Pierre Lévy (1999) foram alguns dos pioneiros a estabelecer os termos “cibercultura” e “ciberespaço”. Ele define o ciberespaço como algo metafórico, não verdadeiro, em que todas as partes se conectam para construção de um diálogo mundial. Já a cibercultura é definida por Lévy como um conjunto de técnicas, maneiras de ver, maneiras de ser, valores e representações que estão diretamente relacionados ao ciberespaço.

Ainda segundo Lévy (1999), a invenção do ciberespaço e da cibercultura é um marco comparável à invenção da escrita. É uma mudança muito importante na forma como nos comunicamos e estabelecemos significado às coisas, sendo interessante pela possibilidade de estabelecer uma conversa direta, onde ambos os lados são emissores e receptores. É importante ressaltar que o ciberespaço e a cibercultura não são, de nenhuma forma, comparáveis à comunicação e mídias de massa, como por exemplo o rádio e a televisão, justamente pela capacidade de estabelecer um diálogo equilibrado, onde ambas as partes contribuem para o compartilhamento de informações. Essa capacidade de estabelecer diálogos e significados ao compartilhar informações é o que possibilita a criação de uma história humana, nos diferenciando, assim, dos outros animais (LÉVY, 1999).

O ciberespaço é, portanto, um mediador onde todas as informações se conectam de forma universal e totalizadora, proporcionando uma única história para seus habitantes. Independente de localização, idioma, costumes e cultura propriamente dita, a cibercultura é a junção dos comentários, críticas, mensagens e ideias criadas dentro do espaço cibernético, criando uma linguagem e, claro, uma cultura que pode ser compreendida e partilhada por todas as pessoas no mundo (LÉVY, 1999).

O pensamento de uma rede de informações acessíveis para todos não é novo. Como pontua Campos (2011), o filósofo Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825) já abordava a criação de uma rede de informações em seus estudos. Sob os valores igualitários da Revolução Francesa, Saint-Simon lançava conceitos de organismo social, sendo este um sistema de relações menos desiguais entre todos os elementos envolvidos. A criação de um fluxo de informação contínuo através de uma rede possibilitaria um rápido compartilhamento de informações e tornaria o acesso a elas notadamente igualitário.

A criação do “organismo-rede”, sendo esse composto por redes de comunicação, seria um marco utópico par ao nascimento de uma sociedade descentralizada. Dessa forma, a partir de uma premissa biológica de fisiologia social, Saint-Simon pontua a rede como um “arquétipo da organização” da sociedade, podendo ser esta rede material ou não, mas exercendo um importante papel na construção de uma conjuntura social onde todas as partes possuem as mesmas possibilidades de aprendizado (CAMPOS, 2011).

O pensamento filosófico de Pierre Lévy se confirma na prática quando, em 2017, este trabalho pode ser desenvolvido utilizando como objeto de estudo o compartilhamento de informações na internet pelos jovens. A busca por amigos, identificação e pertencimento dentro do espaço digital é o reflexo da criação de uma cibercultura, onde é criado um meio onde todos possuem as mesmas possibilidades de acesso à informação e produção de conhecimento, além da voz para se fazer ouvir e atingir o receptor de maior interesse.

Da mesma forma, percebemos as ideias de sociedade como organismo-rede na utilização do ciberespaço como ferramenta de aprendizado e compartilhamento de experiências. A construção dessa teia de conhecimento só se tornou possível graças a um fluxo constante de informações, possibilitado pelo enorme salto tecnológico após a criação dos computadores e da internet, dando origem a espaços onde pessoas de diferentes partes do mundo podem compartilhar suas ideias de forma democrática e acessível. Com todos os componentes da rede trabalhando de forma voluntária em prol da acessibilidade de conhecimento, há a certeza de aprendizado constante no ciberespaço.

2.2 A INFLUÊNCIA ONLINE E SUA IMPORTÂNCIA NA ATUALIDADE

A partir dos efeitos da visibilidade online, podemos explorar o papel de um novo tipo de personagem que está diretamente ligado ao cotidiano da geração millennial: o influenciador digital. A atribuição de influência e status, antes restritos às celebridades relacionadas ao meio artístico ou das classes mais abastadas da sociedade e utilizada como ferramenta de mão única, agora pode ser partilhada por qualquer pessoa que tenha o conteúdo necessário para conquistar um público online, além da disposição para relacionar-se com este público, que contribui para direcionar a produção de um conteúdo que lhe agrade.

O advento das mídias sociais moldou o significado da audiência online enquanto capital de tal forma que até mesmo marcas têm desembolsado altos valores para utilizar o poder de persuasão das novas celebridades. Uma pesquisa feita em 2016 pelo site YouPIX sobre o mercado nacional de influenciadores digitais mostrou que 2% dos influenciadores digitais gera 54% das interações nas redes. Além disso, a pesquisa evidenciou que, para marcas, o que mais importa na hora de contratar

influenciadores é a sua relevância para a audiência, deixando claro que esses públicos são extremamente específicos e segmentados em nichos (GRANJA, 2016).

O irrefreável crescimento do uso da influência online como capital social também deve ser atribuído ao público, que por estabelecer um relacionamento com os criadores de conteúdo, direcionam a produção para o que querem ou não consumir. Isso faz com que, ao mesmo tempo, o consumidor atue como produtor (TROYE; XIE, 2007; XIE; BAGOZZI; TROYE, 2008). Partindo do conceito de “prosumer”, que coloca o consumidor como criador, pesquisas anteriores indicaram que quando pessoas participam do processo de criação de algo, sentem-se tão entusiasmadas com o resultado final que acabam valorizando-o ainda mais (NORTON, ARIELY, 2007).

Em 2010, uma pesquisa preliminar realizada por Freberg quantificou a percepção subjetiva do público sobre um grupo de influenciadores em suas mídias sociais, indicando que o público majoritário os enxergava como pessoas detentoras de alta credibilidade (FREBERG, 2010). Se tais personalidades digitais possuem tamanho poder de influência sobre a indicação serviços e marcas, pode-se inferir que elas também ditam comportamentos e servem como referência para o seu público. Porém, essa influência é exercida de forma muito mais intrínseca do que nas mídias tradicionais, já que o relacionamento estabelecido com os seguidores funciona como uma via de mão dupla, indicando que, para minorias marginalizadas, influenciadores digitais podem ter um papel ainda mais importante.

Em pesquisa realizada no ano de 2016 com jovens americanos, Fox mostrou que eles sentiam-se mais seguros em mostrar suas identidades não-heterossexuais num ambiente online e sentiam-se mais conectados a amigos virtuais e celebridades LGBT+ (FOX, J.; RALSTON, R., 2016). Fox também identificou que, além do valor afetivo, os jovens demonstraram dar mais credibilidade à internet quando o tema era relacionado à saúde e comportamento do jovem LGBT+. Quando investigamos o poder dessa influência aliada a um relacionamento próximo com seguidores engajados que caracterizam um público jovem e LGBT+ e, em sua maioria, evita falar abertamente sobre suas orientações e identidades, pode-se inferir que a imagem do influenciador aproxima-se à de um amigo.

Dessa forma, é possível estabelecer a importância de influenciadores do segmento LGBT+ para a formação identitária de jovens. Contudo, tal premissa de estudo nunca foi abordada em redes brasileiras com o intuito de investigar se o papel desempenhado por criadores de conteúdo no Brasil está diretamente relacionado a uma maior autoaceitação e entendimento, contribuindo de forma efetiva para a diminuição do preconceito entre pessoas dessa faixa etária.

2.3 INFLUENCIADORES E CULTURA DA CONVERGÊNCIA

Ao analisar o papel da internet na criação de uma nova cultura e forma de pensar, esbarramos num enorme cruzamento de mídias que afeta a forma como os habitantes do mundo virtual são vistos. Atualmente é comum, por exemplo, que influenciadores digitais sejam atração em programas de televisão, estrelem filmes, marquem presença em eventos como convidados de honra, escrevam livros sobre suas vidas e até se tornem garotos e garotas propaganda de marcas a nível mundial. Podemos citar como exemplo o youtuber PC Siqueira que, de 2011 a 2013, foi apresentador do programa “PC Na TV”, no canal MTV Brasil.

Tal contexto retira esse indivíduo do meio digital e abrange sua influência a um público que não mais se encontra somente na internet. Dessa forma, seu status de celebridade nascida no mundo virtual se confunde com o conceito de celebridade nascida nas mídias tradicionais. Os youtubers, porém, não se tornam dependentes do espaço que as mídias tradicionais os concedem, já que seu meio de propagação de conteúdo continua sendo a internet, onde seu público fiel continua a buscar sua companhia.

No que tange a este fenômeno, as noções de convergência de Henry Jenkins (2008) no livro “Cultura da Convergência” podem vir à tona para explicar essa reordenação midiática. Esse processo faz com que se crie uma relação entre diversas tecnologias, plataformas e audiências, fortalecendo contextos transmidiáticos e criando narrativas que se complementam em diversos meios de forma colaborativa. Sendo assim, a presença de influenciadores digitais nas mídias tradicionais não limitaria sua influência na internet e nem excluiria a possibilidade de que seu público o siga através de diferentes plataformas.

Então, segundo Jenkins (2008), a convergência é “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação de múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam”. Essa convergência tem seus efeitos refletidos na forma como os conteúdos são pensados e produzidos, fazendo com que o público seja agente ativo nessa cadeia de produção. Jenkins estabelece três pilares para a convergência digital: convergência midiática, cultura participativa e inteligência coletiva.

A convergência midiática diz respeito às tecnologias e meios de comunicação, principalmente os fluxos e migrações de conteúdos entre plataformas de mídia, fazendo com que o público migre através dessas plataformas em busca das informações que lhe apeteçam. Jenkins esclarece que a convergência não deve ser compreendida somente como um processo tecnológico, mas principalmente cultural e social, dadas as interações que se criam a partir dela. Para ele, a convergência altera a relação entre tecnologias, mercados, indústrias, gênero e público, não sendo,

portanto, um processo que ocorre em dispositivos, mas em cérebros de indivíduos e as interações criadas por eles.

Já a cultura participativa fala sobre o papel do consumidor do conteúdo na criação do mesmo. Ao contrário das mídias tradicionais, em que o conteúdo é estabelecido de forma estritamente unilateral, na cultura da convergência o consumidor é agente ativo na produção do que quer consumir. A cultura participativa consiste em agregar elementos pertencentes a um produto na criação de um novo, feito inteiramente por seus fãs. Com o profundo envolvimento de pessoas afeccionadas por um determinado produto, a posição de consumidor acaba por não se tornar satisfatória, fazendo com que o público produza o que quer consumir a partir da ideia inicial. A internet teve papel importante na criação dessa cultura por facilitar a propagação e compartilhamento dessas produções.

No contexto dos influenciadores digitais, a cultura participativa possui um papel importantíssimo na relação estabelecida entre eles e seus seguidores, já que todo o conteúdo é produzido com o intuito de criar uma conversa. Através das mídias sociais, os seguidores sugerem temas, enviam mensagens e participam ativamente de toda a produção que resultará no que eles desejam ver na tela do computador. Caso essa conversa não exista e o conteúdo se torne desinteressante, o influenciador corre o risco de perder seus seguidores para outro que o faça.

Por fim, Jenkins se apropria do conceito de inteligência coletiva criado por Pierre Lévy para definir o resultado dessa colaboração de diversos indivíduos na criação de um determinado produto final. Tal produto representa todos os indivíduos que participaram ativamente em sua produção, sendo, portanto, coletivo. A colaboração para produção de conteúdo na internet acaba sendo uma das principais formas de inteligência coletiva na atualidade, sendo o meio digital uma ferramenta imprescindível na aceleração dessa inteligência. Dessa forma, ao conversar, sugerir e compartilhar ideias com seus ídolos através da internet, o público seguidor de influenciadores acaba sendo também autor do que consome.

No contexto de formação identitária dos jovens, as noções de convergência possuem papel fundamental na criação de novas perspectivas de sensibilidade, experiências e relações sociais, principalmente quando essa convergência se dá em conjunto com os meios de comunicação tradicionais (RONSINI; DE OLIVEIRA-CRUZ; PREDIGER, 2012). Os jovens da cultura da convergência não aceitam tudo que lhes é oferecido, criando resistência ao que lhes desagrada. Essa resistência pode ser demonstrada ao não consumir um determinado conteúdo, o que torna imprescindível aos criadores atuais a participação de seu público nessa criação.

Ainda de acordo com Ronsini *et al.* (2008), os jovens passam por ressignificações no contexto da convergência em que há uma fragmentação dos papéis, espaços e modos de atuação dos sujeitos que transformam sua sensibilidade e relações sociais. As novas tecnologias seriam um reorganizador

perceptivo de tais experiências sociais e sensibilidades, criando, portanto, novas identidades e sujeitos (MARTÍN-BARBERO, 2002).

No que tange à formação identitária de jovens, Martín-Barbero (2012) disserta sobre o papel da convergência midiática:

Os jovens vivem hoje a emergência das novas sensibilidades, dotadas de uma especial empatia com a cultura tecnológica, que vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão à facilidade para entrar e mover-se na complexidade das redes informáticas. [...] os jovens experimentam uma empatia cognitiva feita de uma grande facilidade na relação com as tecnologias audiovisuais e informáticas e de uma complexidade expressiva: com seus relatos e imagens, suas sonoridades, fragmentações e velocidades, nos quais eles encontram seu idioma e seu ritmo. Pois diante das culturas letradas, ligadas à língua e ao território, as eletrônicas, audiovisuais, musicais ultrapassam esta adstrição, produzindo novas comunidades que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 66, grifos do autor).

Dessa forma, percebemos que a influência exercida por criadores de conteúdo em jovens, mesmo em diferentes mídias e plataformas, vai além de demonstrações de mera admiração, mas também estende raízes profundas na formação identitária e formas de ver o mundo, trazendo novas formas de pensar, agir e se perceber na sociedade.

2.4 O QUE REPRESENTA UM INFLUENCIADOR DIGITAL?

São inúmeras as pesquisas acadêmicas ou mercadológicas que investigam a influência da internet e de um mundo cada vez mais conectado. Segundo Granja (2016) em pesquisa para o YouPix sobre o mercado de influenciadores, apenas 2% dos influenciadores digitais pode gerar um total de 7,2 bilhões de interações. A mesma pesquisa mostra as diferenças entre celebridades e influenciadores, sendo as primeiras tidas como idealizadas e distantes e as segundas como próximas, emocionais, espontâneas e muito mais conectadas com o seu público (GRANJA, 2016).

Ainda segundo Granja, vemos que o universo dos influenciadores digitais é 40% composto por mulheres, mostrando um meio mais igualitário e evidenciando a democratização do espaço online. Esses usuários falam com propriedade sobre temas de nicho e conhecem muito bem o seu público, que é fiel e realmente leva o que em consideração o conteúdo que lhes é oferecido.

É importante atentar ao fato de que a visibilidade tem agido como forma de prestígio dentro da internet. Com a popularização das redes sociais e a crescente democratização do acesso à internet, surgem os influenciadores que, como visto anteriormente, configuram um novo tipo de celebridade, baseada em números de seguidores e capacidade de influência online. Os influenciadores digitais representam um novo setor que molda o comportamento de sua audiência através de blogs, *tweets*, vídeos e as demais formas de uso das mídias digitais. Devido ao poder de persuasão e grande

visibilidade de influenciadores, desenvolveu-se até mesmo ferramentas para que empresas possam utilizar seu potencial de influência de forma comercial (FREBERG *et al*, 2011).

A internet pode trazer aspectos negativos, como a falta de contato interpessoal. Porém, dentre os aspectos positivos, podemos mencionar a facilidade proporcionada pelo meio digital em unir pessoas com interesses e ideais em comum, ainda que esses valores estejam na “vida real”. Segundo Castells (2003), os movimentos sociais utilizam a internet como forma de organização e mobilização, mas em torno de seus próprios valores e reivindicações, buscando mudanças e direitos ligados à estrutura da sociedade fora do mundo online.

Não é difícil encontrar pesquisas que abordem o uso da internet para fins de mobilização e visibilidade de grupos específicos da sociedade. Através do compartilhamento de experiências e pensamentos através dessas redes, os assuntos e elementos que envolvem a formação identitária de indivíduos num âmbito pessoal acabam se tornando coletivos. Scherer-Warren (2005) nos diz que o empoderamento que se origina no meio online é uma consequência clara da troca de vivências nas redes, que resultam na formação de uma identidade coletiva, já que os indivíduos de um mesmo grupo acabam por se reconhecer uns nos outros.

No que tange à população LGBTQ+, Troiden (1988) já discorreu sobre os estágios de desenvolvimento da identidade homossexual, que consistem em: sensibilização, confusão identitária, assunção e comprometimento. Durante o estágio de confusão identitária, o indivíduo busca o contato com outros que o ajudem a compreender o que se passa, procurando histórias que se assemelhem à sua e tragam um senso de normalidade à situação vivenciada. Ainda segundo Troiden, esse estágio pode ser ainda mais complicado pela falta de modelos identitários que possam ser seguidos ou representações bizarras da identidade em questão, fazendo com que o jovem tenha sentimentos relacionados à culpa, isolamento social e necessidade de esconder o que se passa em sua cabeça.

Apesar de alguns jovens terem acesso a recursos como amigos, familiares, conselheiros escolares ou quaisquer outras organizações que colaborem para a compreensão de sua sexualidade, a maioria dos indivíduos passa por esse processo de forma completamente solitária (FOX & RALSTON, 2016). No entanto, as redes sociais trouxeram novas possibilidades e complexificaram os estágios de desenvolvimento identitário propostos por Troiden.

A internet tem sido tão importante porque proporciona acesso ilimitado à informação de forma anônima, segura e sem a necessidade de interlocutores que facilitem o processo ou as dificuldades de encontrar e adquirir as mídias ditas “tradicionais”, como livros, tornando a compreensão solitária da identidade do jovem LGBTQ+ muito mais fácil (DEHAAN *et al*, 2009).

Por fim, os estudos de Fox & Ralston (2016), mostraram a importância de modelos identitários para jovens LGBTQ+ nas mídias sociais. Comparados a celebridades, influenciadores LGBTQ+ possuem um papel importante, porque expressam suas identidades e compartilham suas histórias de forma

autêntica, ampliando o acesso à informação e contribuindo para uma crescente normalização do tema para pessoas que normalmente não teriam acesso a esse tipo de discussão (FOX & RALSTON, 2016).

CAPÍTULO 3

3. METODOLOGIA

Os estudos utilizados como referência para este trabalho fizeram uso de diversas metodologias. Contudo, é perceptível a preferência pelas pesquisas participativas, entrevistas qualitativas e quantitativas, além da etnografia quando o tema tangencia assuntos de cunho antropológico, ou quando o pesquisador necessita de um estudo mais aprofundado sobre a cultura ou subcultura do grupo em questão. Para este trabalho, optamos por um estudo de observação envolvendo uma dimensão quantitativa e outra qualitativa.

Como breve justificativa pessoal, acreditamos que, pela proximidade com a causa LGBTQ+ e com o público tratado nessa pesquisa, a metodologia mais apropriada para o desenvolvimento do presente trabalho seja a adoção de uma entrevista mista, com viés quantitativo e qualitativo, através de formulário virtual com questões pré-definidas, devido à facilidade de propagação. Dessa forma, a pesquisa poderia abranger um público socialmente e geograficamente mais diverso, aumentando a credibilidade do estudo.

A pesquisa participativa e posterior análise qualitativa permite a criação de diversas hipóteses, baseadas na complexidade da formação do indivíduo estudado, ao invés de focar em variáveis simples e pré-estabelecidas. Por resultar nas mais diversas definições e abordagens sobre um determinado tema, a pesquisa qualitativa permite a interpretação de palavras e expressões de forma mais completa, voltando-se para o valor simbólico de palavras e signos que não poderiam ser obtidos de forma mais objetiva (GÜNTHER, 2006).

No entanto, a pesquisa qualitativa exige maior cuidado na coleta e análise dos dados, já que cada resposta deve ser analisada de uma forma diferente, ao invés de seguir uma estrutura de análise e instrumentos de pesquisa padronizados. Sendo assim, assume-se que os participantes de uma pesquisa qualitativa são tão autores do resultado quanto o sujeito que conduz a pesquisa, já que os resultados são influenciados pela ótica de cada objeto de estudo sobre a questão perguntada (GÜNTHER, 2006).

Mayring (2002) atenta para um cuidado relacionado ao processo de generalização dos resultados qualitativos. Processo este que é parte essencial da análise dos resultados, já que as diferentes definições e subjetividades devem ser agrupadas em seus aspectos e características em comum para que possam ser analisadas. Mayring chama isso de processo indutivo, no qual partimos de fatores individuais que possam ser generalizados e, assim, propostos como regra a todo um grupo. Outro ponto a ser considerado é a influência dos valores e crenças do pesquisador ao estruturar e analisar a pesquisa qualitativa (MAYRING, 2002).

3.1 INDIVÍDUOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para respeitar os limites propostos para essa pesquisa, foi utilizado o conceito de juventude estabelecido pela ONU (Organização das Nações Unidas), que define como componentes da juventude, de uma forma geral, os indivíduos que se encontram na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade (UNESCO, 2004). Essa definição casa com a proposta do estudo de investigar a influência do meio digital numa geração que teve o seu desenvolvimento diretamente atrelado às novas tecnologias. O intuito da restrição é estabelecer um critério que não fique à mercê de subjetividades sobre a definição do termo “jovem”.

Outro critério respeitado durante a triagem e análise dos resultados foi a autodeclaração dos sujeitos como integrantes da comunidade LGBT+, já que tratamos especificamente desse público. O formulário foi respondido de forma anônima e a identificação enquanto lésbicas, gays, bissexuais e/ou transexuais ficou a critério de confiança do sujeito que respondeu o questionário. Visto que as perguntas estão diretamente relacionadas a assuntos que envolvem esse público específico, acreditávamos que não haveria interesse de pessoas que não se encaixem nesses critérios em responder a pesquisa, tornando-a confiável e com chance reduzida de falso resultado.

3.2 DADOS COLETADOS, MEIO DE PROPAGAÇÃO E FERRAMENTA

Para alcançar o público de interesse da pesquisa, o processo de coleta de dados foi desenvolvido de forma inteiramente online. A ferramenta utilizada foi um questionário misto composto por cinco questões e seu conteúdo tinha o intuito de fazer os indivíduos refletirem se influenciadores LGBT+ brasileiros tiveram algum impacto, positivo ou negativo, em sua formação identitária. Em caso de resposta positivas, as questões seguintes as questões seguintes abordavam a forma como essa influência se deu. Também havia, no questionário, a opção de listar quais são esses influenciadores, limitando-se, neste último aspecto, a produtores de conteúdo para o YouTube. O questionário também conteve perguntas de cunho demográfico, como idade, identificação de gênero e orientação sexual.

Os youtubers foram selecionados para o trabalho levando alguns critérios em consideração, sendo: nacionalidade brasileira; tratar, direta ou indiretamente, de temas LGBT+ ou contar com a presença de pessoas LGBT+ em seus vídeos, mesmo que o tema central do canal não esteja ligado à temática; diversidade, buscando canais variados que abordassem temas gays, lésbicos, bissexuais, transexuais, entre outros, com o intuito de buscar identificação e representatividade para todas as possíveis identidades sexuais e de gênero que responderiam à pesquisa, sem levar em consideração a quantidade de inscritos ou seguidores dos canais.

Os títulos dos canais levantados para o questionário até a data de apresentação deste trabalho estão listados a seguir, junto a uma breve descrição:

- Afrontay: canal criado por Joely, um jovem gay, negro e nordestino que fala sobre temas relacionados ao preconceito e empoderamento;
- Afros e Afins: criado Nátaly Neri, uma cientista social em formação que dedica seu canal ao empoderamento e autonomia estética e intelectual da mulher negra;
- Bixa Melhore: canal de humor voltado para o público LGBTQ+, estrelado por dois homens gays;
- Caio Braz: canal de moda e viagens apresentado por Caio Braz, um homem gay que também fala abertamente sobre sua sexualidade;
- Canal das Bee: o mais antigo canal LGBTQ+ do YouTube, com convidados e integrantes que representam todas as identidades da sigla e tratando do tema de forma didática;
- Chá dos 5: apresentado por quatro homens gays, o canal fala de temas diversos, geralmente com cunho humorístico;
- Diva Depressão: canal de cultura pop e temas LGBTQ+ apresentado por dois jovens gays;
- Eduardo Bressanim: canal apresentado por Eduardo, um homem gay que fala abertamente sobre temas LGBTQ+ e sexualidade;
- Federico Devito: um homem gay que fala sobre cultura pop, viagens e estilo de vida;
- Fernando Escarião: homem gay que fala abertamente sobre sua sexualidade e processo de descoberta e relação com a família, além de trazer temas humorísticos com frequência;
- Fora da Casinha: apresentado por Guigo Kieras, um homem gay que fala sobre sua sexualidade e sobre a temática LGBTQ+;
- Fotografando à Mesa: canal criado por Felipe e Isabela, um casal que documenta seu dia a dia no estilo *daily vlog*, sempre contando com a participação de amigos LGBTQ+ em seus vídeos;
- Gayrotos: apresentado por três homens gays, o canal fala sobre sexualidade, estilo de vida e relacionamentos;
- Guilherme Pinto: canal apresentado por Guilherme, um homem gay que, além de falar abertamente sobre sexualidade, compartilha críticas, textos e assuntos gerais;
- Hugo Nasck: apresentado por Hugo, que se identifica como uma pessoa trans não-binária e fala abertamente sobre sua identidade de gênero, compartilhando experiências;
- Louie Ponto: Louie é uma mulher lésbica que dedica seu canal a temas LGBTQ+ e conscientização sobre preconceito;

- LubaTV: apresentado pelo jovem gay Luba, este é o maior canal do Brasil apresentado por uma pessoa LGBTQ+, contando com mais de quatro milhões de inscritos;
- Maicon Santini: canal sobre cultura pop, estilo de vida e assuntos gerais apresentado por Maicon, um jovem gay;
- Mandy Candy: apresentado por Amanda, uma mulher transexual que fala abertamente sobre sua transição de gênero e trata de assuntos relacionados à transexualidade;
- Muro Pequeno: criado por Murilo Araújo, um jovem negro, gay e cristão que explica e problematiza as pautas relacionadas à diversidade de forma didática;
- Para Tudo: canal da *drag queen* Lorelay Fox, que fala sobre a temática LGBTQ+ e sua trajetória com a arte drag;
- Pietra de Pinho: canal criado por Pietra, mulher lésbica que fala sobre estilo de vida, assuntos gerais e sexualidade;
- Põe Na Roda: com um elenco composto exclusivamente por homens gays, o canal trata do tema por um viés humorístico, geralmente;
- Transdiário: apresentado por Luca, um homem transexual que documenta sua transição de gênero e trata de assuntos relacionados à transexualidade;
- Viaje com a Cris: canal sobre viagens e vida na Alemanha apresentado por Cris, uma mulher lésbica que dedica uma parte de seus vídeos à temática LGBTQ+.

Havia ainda, ao final da listagem de canais, a opção “Outro”, possibilitando aos entrevistados que escrevessem algum canal que não estivesse na lista.

Para propagar a pesquisa, utilizamos os meios abordados neste estudo, sendo estes inteiramente digitais. Pensando na praticidade, familiaridade e conforto de quem responderia a pesquisa, foi utilizada a plataforma Typeform para hospedagem do questionário. O link para o formulário foi introduzido em grupos de discussão compostos por público jovem e LGBTQ+, aumentando, dessa forma, a credibilidade dos resultados e a possibilidade de avaliar quais canais influenciam mais ou menos o público que consumidor de seu conteúdo. Foram também utilizadas redes sociais como Twitter e o próprio YouTube, através da ferramenta de comentários nos vídeos dos canais. Na tentativa de atingir especificamente o público fiel que acompanha os produtores de conteúdo envolvidos neste estudo, quinze grupos foram levantados para propagação do formulário:

- Tijolinhos do Muro Pequeno
- Canal das Bee
- Família Fotografando à Mesa

- Família VittarLovers
- Turmos e Turmas do LubaTV
- LubaTV-Fãs
- Venenosas - Diva Depressão 2.0
- Ajuda, Põe Na Roda
- Chá dos 5 - Fãs
- FC FerEscarião
- Fernando Escarião
- Pielovers (Pietra de Pinho)
- Pabllo Vittar Online
- Maicon Santini Fãs
- Bixa Melhore - O Grupo

Contudo, o processo de publicação foi atrasado por questões técnicas, como aprovação de entrada nos grupos e autorização para publicação, de forma que os grupos listados abaixo foram os únicos utilizados até a data de apresentação deste trabalho:

- Tijolinhos do Muro Pequeno
- Canal das Bee
- Família Fotografando à Mesa
- Família VittarLovers
- Turmos e Turmas do LubaTV
- LubaTV-Fãs
- Venenosas - Diva Depressão 2.0
- Ajuda, Põe Na Roda
- Chá dos 5 - Fãs

Os outros dezesseis canais que foram mapeados para divulgação da pesquisa não contavam com grupos conhecidos em plataformas de redes sociais ou as configurações de privacidade não permitiam que fossem encontrados através de ferramentas de busca.

3.3 RESULTADOS ESPERADOS

O estudo tenta utilizar as ferramentas propostas para compreender se jovens brasileiros integrantes da comunidade LGBTQ+ têm sua formação identitária influenciada por produtores de conteúdo do YouTube que também se identifiquem como pessoas LGBTQ+. As análises podem propor, também, uma maior compreensão sobre a forma como essa influência ocorre, tentando entender se a identificação com as experiências compartilhadas pelos influenciadores é parte importante nesse processo.

Pela quantidade de meios de divulgação e a facilidade de propagação da pesquisa proporcionada pelas ferramentas online, o esperado era coletar, no mínimo, cinquenta formulários respondidos de forma válida para análise. As respostas atenderam aos critérios pré-estabelecidos e as análises sobre identidade sexual e necessidade de repressão levarão em conta os estudos de Foucault e Butler citados anteriormente neste trabalho, tentando entender o que leva os jovens a buscar companhia e compreensão sobre suas questões no ambiente online.

Para compreender os fatores que influenciam na formação de uma identidade e identificação dos jovens estudados com a subcultura relacionada à comunidade LGBTQ+, a análise leva em consideração os estudos citados anteriormente neste trabalho sobre formação identitária e cultural para tentar compreender os motivos que permeiam a busca por uma proximidade com pessoas famosas nas redes sociais. Além disso, tentaremos entender se esses motivos estão diretamente ligados ao compartilhamento de experiências e poder de representatividade dos produtores de conteúdo em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido, ao todo, por 151 indivíduos. Das respostas levantadas, consideramos 104 válidas, sendo a idade o principal fator utilizado como critério de exclusão. Portanto, dos 151 indivíduos entrevistados, 47 não se encaixaram nas faixas de idade utilizadas neste estudo, sendo maiores ou menores que a faixa etária estabelecida para o grupo de interesse.

Como podemos observar no gráfico da questão número 4, sendo esta uma questão quantitativa, 64% dos indivíduos dizem ter tido uma influência positiva dos criadores de conteúdo em suas vidas. O número corrobora com o resultado da questão seguinte, a única questão com possibilidade livre de resposta, em que 67 indivíduos (64%) descreveram de alguma forma suas experiências com os influenciadores digitais, possibilitando uma análise qualitativa das respostas positivas. Além disso, a última questão também era obrigatória, com a intenção de impedir que os entrevistados pulassem a pergunta. Os indivíduos que não tinham nenhuma experiência significativa com os influenciadores foram orientados a responder com “não”, e assim o fizeram.

Questão 1: Quantos anos você tem?

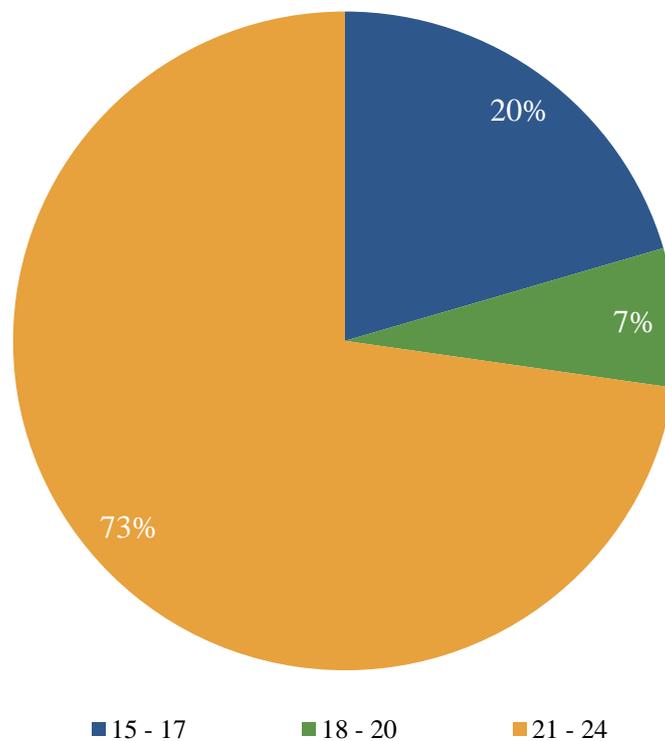


Gráfico 1: Idade.

A primeira questão tinha o intuito de avaliar se os entrevistados se enquadravam no conceito de juventude estabelecido pela UNESCO, que define como integrantes da juventude, de uma forma geral, os indivíduos que se encontram na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade (UNESCO, 2004), como citado anteriormente neste trabalho. O objetivo da triagem inicial foi o de estabelecer um critério para o que se considera “jovem”, já que o termo pode ser entendido de forma subjetiva por diferentes pessoas.

Como podemos observar no gráfico acima, 20% dos entrevistados estavam na faixa de 15 a 17 anos; apenas 7% dos entrevistados encontravam-se na faixa de 18 a 20 anos; os outros 73% dos entrevistados possuíam idades entre 21 e 24 anos.

Pode-se supor que a prevalência de indivíduos com mais de 20 anos na pesquisa esteja ligada a dois fatores principais: a) maior maturidade para buscar entendimento sobre sua sexualidade e respostas de indivíduos que tratam do tema, já que a busca por conteúdos específicos na internet exige um nível de proatividade; b) Identificação com os influenciadores, já que a grande maioria deles também se encontra nessa faixa etária. Além disso, há a possibilidade de que o fator “empatia” tenha levado um público universitário a responder a pesquisa, já que a participação era voluntária e por meios digitais, fazendo com que pessoas de faixa etária mais elevada dessem maior importância ao tema e se dispusessem a responder.

Não se pode ignorar, contudo, que 20% dos indivíduos possuíam menos de 18 anos. Dos 18 participantes da pesquisa com idades abaixo de 18 anos, 14 se declararam como pessoas LGBTQ+, e responderam positivamente a questão que perguntava sobre a influência do conteúdo em suas vidas (ver questão 4), mostrando que a discussão dessa temática chega até os mais jovens com um impacto positivo principalmente em indivíduos LGBTQ+.

2 - Como você se identifica?

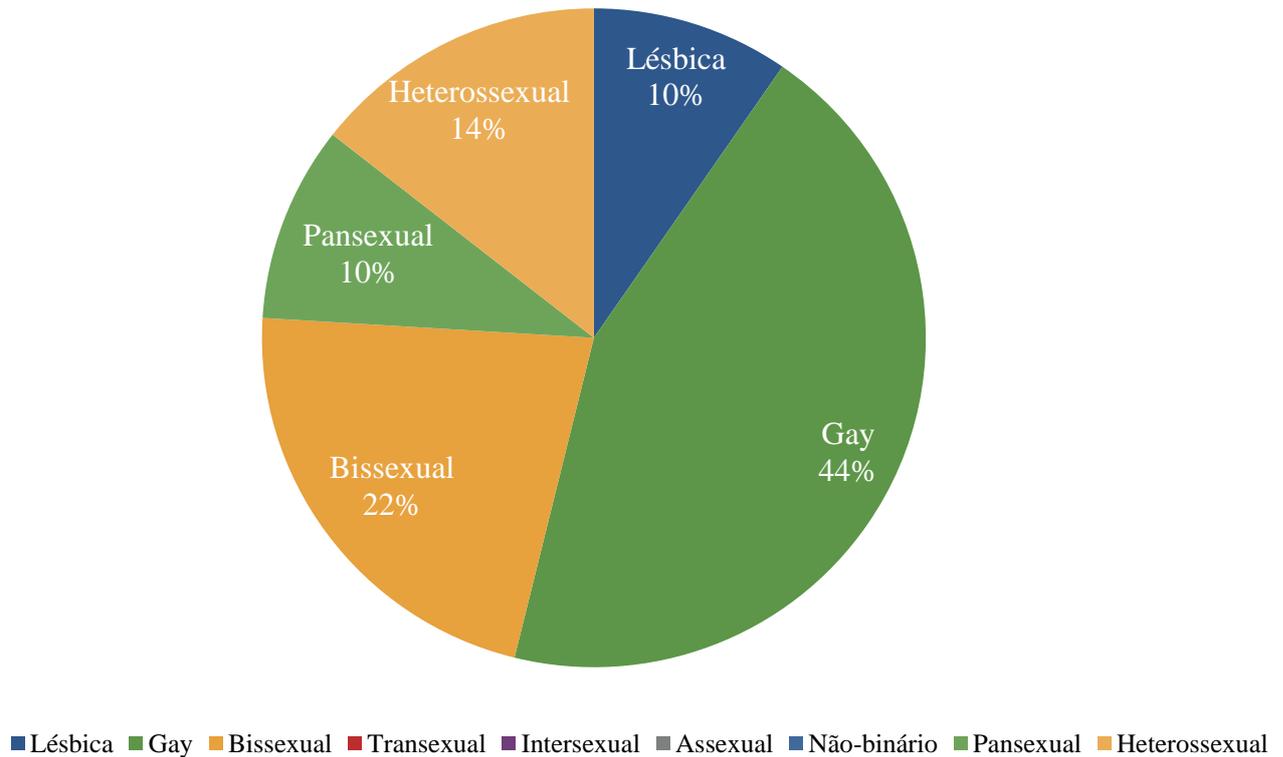


Gráfico 2: Orientação sexual / identidade de gênero.

A pergunta sobre identificação era objetiva e questionava sobre a orientação sexual. Dos participantes da entrevista, 10% se declararam lésbicas, 44% se declararam gays, 22% se disseram bissexuais, 10% pansexuais e 14% heterossexuais. A questão podia ser respondida com mais de uma resposta ao mesmo tempo, com o intuito de possibilitar que pessoas transexuais respondessem sobre sua identidade de gênero e orientação sexual. Contudo, nenhum dos participantes se declarou transexual, não-binário, assexual ou intersexual.

Como hoje entendemos que identidade de gênero e orientação sexual são características distintas de um indivíduo, a identidade heterossexual e a possibilidade de dupla resposta foram incluídas única e exclusivamente para que pessoas transexuais heterossexuais se sentissem representadas e pudessem especificar sua orientação, enriquecendo os resultados. Entretanto, 14% dos participantes se disseram exclusivamente heterossexuais, trazendo um resultado que não era esperado quando o estudo e a entrevista foram concebidos.

No entanto, como era esperado, a predominância de jovens LGBT+ é notória. A propagação da pesquisa partiu de direcionamentos claros sobre o protagonismo desse público. O fato de jovens não-heterossexuais terem se disposto a investir seu tempo numa pesquisa sobre eles mesmos e seus ídolos virtuais mostra que a ideia subjetiva de identidade e de pertencimento a um grupo já são claras

para esse público, visto que eles assumem compartilhar suas particularidades, sentimentos e vivências com um grupo, permitindo-se denominar, na pesquisa, suas identidades sexuais.

Por entender o histórico de opressão da comunidade LGBTQ+, as entrevistas foram feitas de forma anônima, esperando que, dessa forma, os indivíduos se sentissem mais confortáveis para falar sobre suas identidades. Partindo dos estudos de Hall (1996), pode-se assumir que esses jovens possuem noção de suas identidades políticas a partir do momento em que entendem a importância de afirmar seu status enquanto pessoas LGBTQ+ numa pesquisa, sendo essa afirmação uma das primeiras ferramentas de luta contra-hegemônica, ainda que inicialmente anônima.

Dos 15 entrevistados que se declararam heterossexuais, cinco responderam a última questão, de cunho qualitativo. Quando perguntados sobre o tipo de influência que era exercida sobre eles, as seguintes respostas foram dadas:

- *“Vejo eles como amigos”.*
- *“Me ajudou a entender a sexualidade de outros, porem não teve efeito em mim pessoalmente”.*
- *“Me fez refletir sobre identidade de gênero e o processo de empoderamento.”*
- *“Me ajudou com conselhos para relacionamentos em geral no amor e na amizade independente de sexualidade.”*
- *“Me ajudou a enxergar o próximo como ser humano, vejo essas pessoas como exemplos para muitos gays, lésbicas, trans...Sobre como se assumir e como viver sua vida.”*

Essas respostas trouxeram à tona um dado não esperado para a pesquisa, mostrando que o conteúdo não é consumido e influencia somente jovens LGBTQ+, mas também jovens que se entendem como heterossexuais. Como proposto por Castells (2003), o poder transformador da internet reflete no mundo “real” no sentido em que transpõe barreiras sociais, geográficas e temporais. Ainda que pequena, a participação de jovens heterossexuais na pesquisa e a disposição em contribuir proativamente com respostas qualitativas evidencia que o discurso de influenciadores LGBTQ+ ultrapassa a barreira dos rótulos sexuais e alcança outros públicos.

Dessa forma, percebemos que o trabalho desses produtores de conteúdo vai além do empoderamento ou da ajuda a jovens LGBTQ+, mas também impacta e educa jovens heterossexuais, fazendo-os refletir sobre temas que, normalmente, não os afetariam no “mundo real”. Como podemos observar a partir das respostas discursivas, a proximidade com essas discussões e o acesso a um conteúdo didático sobre o meio LGBTQ+ possibilita o desenvolvimento de uma mentalidade mais aberta, promovendo a aceitação e a proximidade com pessoas LGBTQ+. Indo um pouco além, pode-se

supor que, pela possibilidade de conhecimento, esses jovens não seriam agentes reprodutores de preconceitos como a homofobia, por exemplo, evidenciando a importância desses conteúdos não somente no empoderamento, mas também no combate à discriminação.

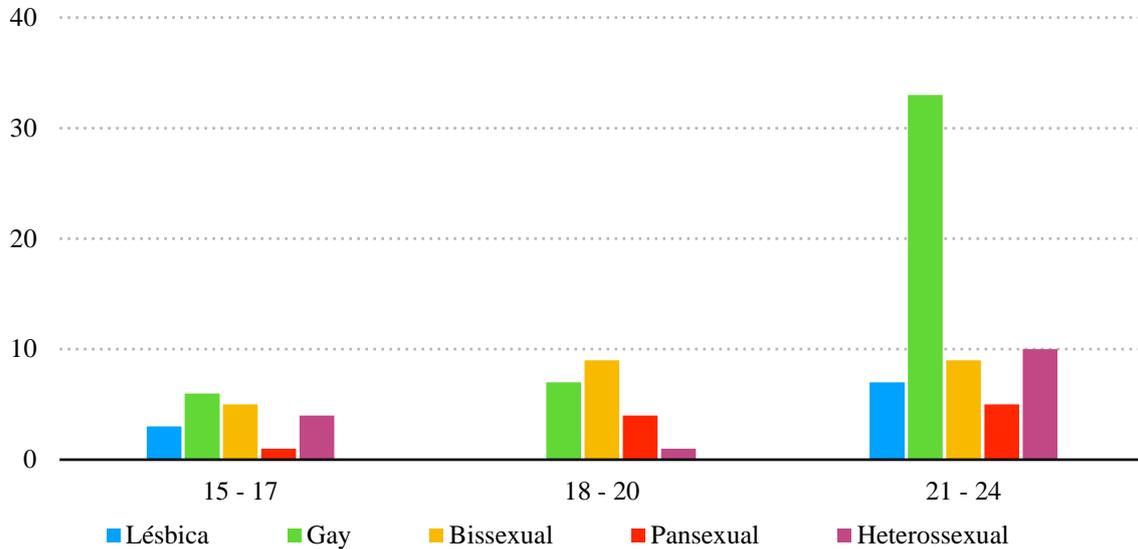


Gráfico 3: Orientação sexual por faixa etária.

Como proposto por Troiden (1988), os estágios de desenvolvimento da identidade homossexual consistem em: sensibilização, confusão identitária, assunção e comprometimento. Essa evolução se dá de forma gradativa com a idade e o amadurecimento mental e sexual, com a representatividade desempenhando um papel importante no reconhecimento de sua identidade. Durante o estágio de confusão identitária, o indivíduo busca o contato com outros que o ajudem a compreender sua sexualidade, buscando identificação e senso de pertencimento a um grupo. Já durante as fases de assunção e comprometimento, a coragem para se assumir se faz presente e o indivíduo começa a viver em função de sua identidade (TROIDEN, 1988).

Partindo das ideias de Troiden (1988), pode-se supor que a predominância de indivíduos de faixa etária acima dos 20 anos tenha sido causada por estes estarem mais propensos a ocupar as fases de assunção e comprometimento. Além disso, como podemos perceber no gráfico acima, a notória prevalência de homens que se declaram gays nessa faixa etária pode indicar um amadurecimento de suas identidades e percepção política na sociedade.

Outra perspectiva pode ser adotada quando lembramos dos estudos de Sodré (2009) e os fatores que definem as características básicas de uma minoria. Enquanto os mais novos podem estar na segunda fase, que Sodré chama de *in statu nascendi*, onde a identidade social e política entra em forma o, os entrevistados com mais de 20 anos podem já estar na terceira fase, que Sodré caracteriza como a da luta contra-hegemônica, sendo esta a luta simbólica pela abertura dos espaços de voz e

busca por representação. Podemos ainda pensar nos próprios influenciadores LGBTQ+ que já teriam adentrado a fase seguinte do reconhecimento minoritário, adotando estratégias discursivas e atuando como porta-vozes de uma luta que os afeta diretamente.

Outro ponto notório é o aumento de indivíduos heterossexuais acima de 20 anos, mostrando uma intensificação da busca por informação e os efeitos do aumento de discussões sobre temas sociais. Corroborando os estudos de Fox (2016) sobre o importante papel de influenciadores LGBTQ+, pode-se supor que, ao expressar suas identidades e compartilhar suas histórias, eles ampliam o acesso à informação e contribuem para uma crescente normalização do tema entre pessoas que normalmente não teriam acesso a esse tipo de discussão (FOX & RALSTON, 2016).

3 - Quais desses canais/influenciadores LGBTQ+ você segue ou acompanha?

Tabela 1: Alcance dos youtubers

Canal	Alcance entre os entrevistados
Canal das Bee	64,4%
Para Tudo (Lorelay Fox)	48%
Põe na Roda	46%
Mandy Candy	45%
Muro Pequeno (Murilo Araújo)	42%
Afros e Afins (Nátaly Neri)	41,3%
Louie Ponto	40,3%
LubaTV	34,6%
Diva Depressão	33,6%
Ariel Modara	26%
Fotografando à Mesa	26%
Federico Devito	20,1%
Fernando Escarião	18,2%
Maicon Santini	18,2%
Caio Braz	12,5%
Afrontay	10,5%
Bixa Melhore	10,5%
Chá dos 5	10,5%
Hugo Nasck	9,6%
Fora da Casinha (Guigo Kieras)	7,6%
Pietra de Pinho	7,6%
Gayrotos	6,7%
Viaje com a Cris	4,8%
Eduardo Bressanim	3,8%
Guilherme Pinto	3,8%
Transdiário	2,8%
Outros	10,5%

A terceira pergunta pretendia avaliar quais canais brasileiros do YouTube eram conhecidos pelo público que atendeu à pesquisa, além do alcance dos canais dentro desse mesmo público. A questão permitia tantas marcações quanto o entrevistado desejasse, com o intuito de conhecer o alcance do máximo de canais possível. Como dito anteriormente neste trabalho, a seleção dos canais foi feita utilizando os seguintes critérios: nacionalidade brasileira; tratar, direta ou indiretamente, de temas LGBTQ+ ou contar com a presença de pessoas LGBTQ+ em seus vídeos, mesmo que o tema central do canal não esteja ligado à temática; diversidade, buscando canais variados que abordassem temas gays, lésbicos, bissexuais, transexuais, entre outros, sem levar em consideração o tamanho do canal em inscritos.

Sendo conhecido por 64,4% dos entrevistados, o Canal das Bee é o primeiro no ranking de alcance. Isso se deve ao fato deste ser o maior canal da lista, contando com mais de 300.000 inscritos até a data dessa pesquisa. Há 5 anos o canal aborda a temática e conversa com jovens LGBTQ+ de forma didática, trazendo o máximo de informação possível para o seu público. Além disso, o Canal das Bee foi o primeiro canal brasileiro no YouTube a tratar de temas LGBTQ+, com participantes fixos e convidados que representam todas as sexualidades, gêneros e identidades.

Dentre os outros cinco canais mais assistidos estão o Para Tudo, estrelado pela *drag queen* Lorelay Fox; Põe Na Roda, com um elenco exclusivamente composto por homens gays, abordando a temática geralmente com conotação humorística; Mandy Candy, cuja protagonista é Amanda, uma mulher transexual que esclarece dúvidas e fala abertamente sobre sua transição e identidade de gênero; Muro Pequeno, apresentado por Murilo Araújo, um homem gay cristão que aborda a temática LGBTQ+ de forma didática, fazendo recortes sobre raça e religião em seus vídeos; Afros e Afins, de Nátaly Neri, uma mulher negra e pansexual que dedica seus vídeos a temas como feminismo, empoderamento e autonomia estética e intelectual de mulheres negras.

Outros canais, também apresentados por lésbicas, gays, bissexuais ou transexuais, tiveram alcance significativo entre o público entrevistado. Contudo, os fatores tamanho (em inscritos) e predominância da temática "diversidade" claramente influenciaram no resultado descrito na tabela acima. Um exemplo disso é o canal LubaTV, que mesmo sendo o maior canal brasileiro estrelado por um homem gay, contando com mais de 4 milhões de inscritos, ocupa o oitavo lugar no ranking dos entrevistados. Isso talvez se deva ao fato de Luba não abordar a temática LGBTQ+ com frequência ou sob uma ótica política e didática, dedicando seus vídeos ao público jovem em geral, geralmente com viés humorístico.

4 - Alguma dessas pessoas teve influência em sua relação com a própria sexualidade e/ou identidade de gênero?

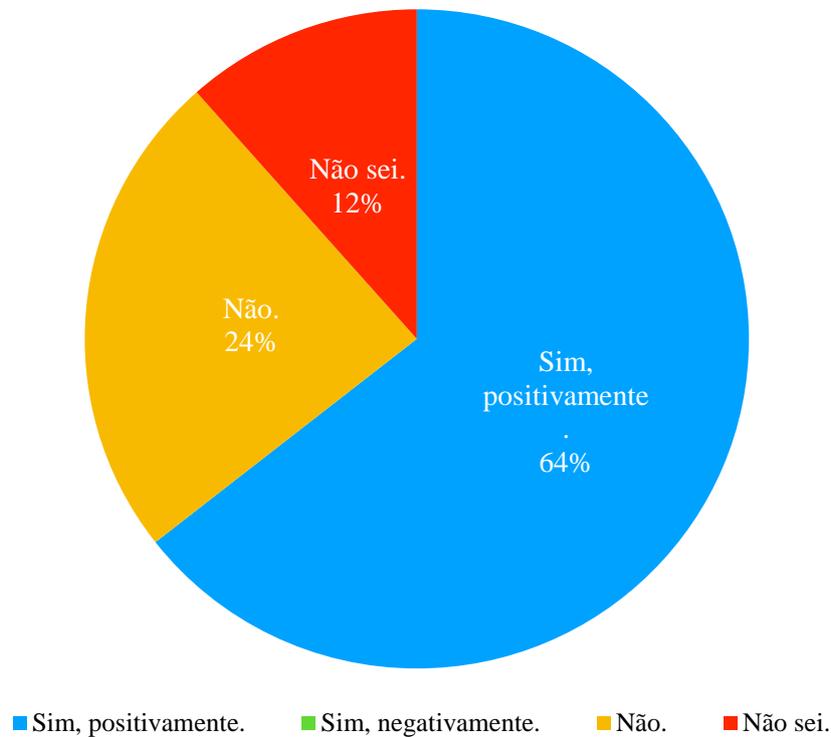


Gráfico 4: Percepção de influência.

A penúltima questão tinha a intenção de provocar uma reflexão nos entrevistados para avaliar se havia alguma autopercepção de influência em suas relações com a identidade de gênero ou orientação sexual. Desses, 24% disseram não ter percebido nenhuma influência, 12% disseram que não sabiam e 64% dos indivíduos relataram ter percebido uma influência positiva dos youtubers em suas vidas. Um ponto interessante a ser ressaltado é que, dos 104 entrevistados, nenhum marcou a opção “Sim, negativamente”, indicando que a abordagem da temática LGBTQ+ pelos influenciadores não cria, no público que consome o conteúdo, sensações como confusão ou mal estar sobre suas sexualidades ou assunto abordado.

Outro ponto interessante é que, dentre os entrevistados com menos de 18 anos que se declararam como pessoas LGBTQ+, 100% marcaram a opção de influência positiva dos youtubers, mostrando que os discursos sobre diversidade vêm causando impacto positivo nos adolescentes mais novos. Sendo estes os mais propensos a estar em situação de vulnerabilidade e dependência familiar, a busca por autoconhecimento e entendimento de suas identidades sexuais pode ser valiosa para a autoaceitação e desenvolvimento saudável.

O resultado dessa questão traz uma esperança à antiga problemática da falta de representatividade se o compararmos a dados e relatos de gerações passadas, em que o preconceito

obrigava pessoas LGBTQ+ a viver suas sexualidades em guetos de forma clandestina, obrigando jovens a enfrentar suas questões identitárias e preconceitos de forma solitária (TROIDEN, 1988). Relatos de influência positiva sobre o entendimento de suas identidades mostra que a importância das figuras de referência elucidada por Troiden (1988) permanece nos dias atuais, tendo agora o meio digital como um facilitador.

Facchini (2011) nos lembra que, desde os tempos mais primórdios, a autoproteção e mobilização foram fatores importantes para a sobrevivência da população LGBTQ+. Como o apoio familiar era extremamente raro para esses indivíduos, seus companheiros de luta tinham de ser referência e ponto de sustentação uns para os outros, fazendo com que pessoas gays fossem mais próximas de seus amigos do que de suas famílias. Percebe-se que a importância dessas figuras de referência se mantém nos dias atuais, já que mais da metade dos entrevistados relata influência positiva do discurso dos youtubers.

No que tange à cultura digital, o resultado da questão traz à tona a ideia de Sociedade em Rede, onde os conhecimentos estão interligados e as informações e realidades digitais não podem mais ser dissociadas do mundo offline, já que exercem influência direta sobre a sociedade (CASTELLS, 2003). Percebemos esses efeitos no momento em que jovens relatam uma mudança de sua visão de mundo a partir de um conteúdo consumido pela internet.

A possibilidade de estabelecer um diálogo com o público, compartilhando experiências e informações, além de escutar as necessidades desse público para a construção de um diálogo assertivo é uma característica clara da cultura digital e dos efeitos do ciberespaço nas relações sociais (LÉVY, 1999). A capacidade de criar e compartilhar conteúdo que será consumido e criará novas histórias a partir de sua influência é a marca que a cultura digital deixa na comunidade LGBTQ+, possibilitando que a propagação do discurso resulte em mais empoderamento, entendimento identitário e menos preconceito.

A presente questão é a última objetiva e de cunho quantitativo, mas já mostra resultados promissores sobre a influência positiva dos produtores de conteúdo em seu público. Dehaan *et al* (2009) nos mostra que o acesso à tecnologia e a possibilidade de autonomia na busca por informação faz com que, nos dias atuais, muito mais jovens sejam impactados pelo discurso de influenciadores, facilitando o desenvolvimento e aceitação de uma identidade destoante do padrão. Na questão seguinte, nos aprofundaremos no entendimento sobre como se dá a influência e em que sentido os youtubers atuam como facilitadores para esses jovens.

5 - Se sim, como foi essa influência?

Dos 104 entrevistados, 67 deram respostas discursivas válidas na última questão. Todos os indivíduos que marcaram a opção “Sim, positivamente” na questão anterior descreveram, de forma mais ou menos detalhada, a forma como os influenciadores atuam ou atuaram em suas relações com a própria sexualidade ou o meio LGBTQ+. Sendo assim, 100% dos indivíduos elegíveis responderam essa questão, sendo a única de cunho qualitativo.

Ao analisar as respostas, era perceptível que todas poderiam ser agrupadas em 4 grupos semânticos claros: "Me ajudou a me aceitar"; "Me ajudou a entender minha sexualidade"; "Me ajudou a assumir para a família e/ou amigos"; "Me ensinou sobre a temática LGBTQ+"; "Os vejo como amigos / Me identifico com eles". O quantitativo foi, em geral, bem distribuído entre as opções e entre todas as idades, já que, dependendo do detalhamento, uma mesma resposta poderia ser enquadrada em mais de uma categoria, indicando que as influências positivas proporcionam efeitos variados no público. O gráfico abaixo mostra a distribuição das respostas qualitativas:

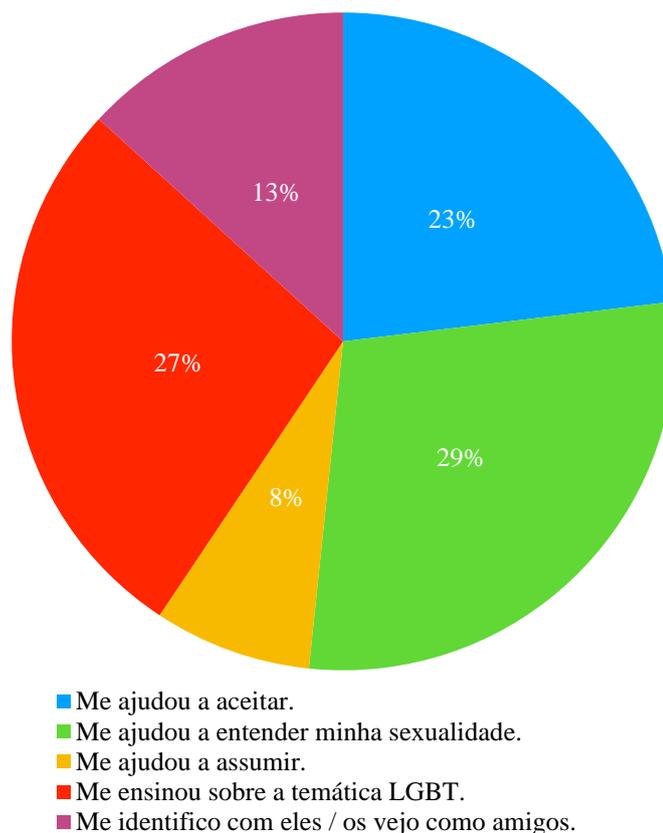


Gráfico 5: Descrição da influência.

De um total de 67 respostas, 23% relataram que o discurso dos youtubers os ajudou a aceitar a própria sexualidade; 27% disseram que a ajuda foi para compreender pontos da temática LGBTQ+

com os quais eles ainda não tinham contato, como identidade de gênero, por exemplo; a maioria de 29% relatou que os influenciadores auxiliaram no entendimento de suas sexualidades, utilizando expressões como “ajudou a entender o que eu era” e “ajudou a entender o que eu sentia”; 13% disseram que se identificavam com os youtubers ou os viam como amigos; sendo a menor parte, 8% das respostas diziam que os youtubers ajudaram a “sair do armário”, assumindo suas sexualidades para amigos ou familiares.

Dentre os jovens LGBTQ+, as respostas sempre estavam ligadas a entendimento e aceitação de suas identidades sexuais, além de maior compreensão da luta LGBTQ+, enquanto que os jovens heterossexuais relataram que puderam ter contato com o processo de empoderamento de pessoas LGBTQ+ e compreenderam questões com as quais não tinham contato anterior. Para fins de exemplificação, segue a transcrição de algumas respostas discursivas dadas pelos entrevistados:

- *“Me preparou para me assumir e também a compreender as outras sexualidades e realidades que não tenho contato!”*
- *“A minha sexualidade já estava bem definida quando comecei acompanhar esses youtubers. Eles me ajudaram a entender questões de identidade de gênero.”*
- *“Me ajudou a me aceitar melhor.”*
- *“Me ajudou a me entender mais e compreender o mundo LGBTQ+.”*
- *“Me ajudou a obter informações sobre a minha sexualidade.”*
- *“Me encorajou a aceitar minha sexualidade.”*
- *“Muro Pequeno e seu vídeo sobre homossexualidade na bíblia me ajudou muito quando minha mãe me acordou com uma Bíblia na ponta da cama dizendo que tinha marcado uma reunião com o padre.”*
- *“Me ajudou a me aceitar e explorar mais minha sexualidade”*
- *“Me ajudou a lidar com minha sexualidade.”*
- *“O canal das bee em particular me ajudou a entender muita coisa sobre o universo lgbt quando eu estava completamente perdida sobre minha sexualidade!”*
- *“Me ajudaram a entender mais sobre a minha sexualidade e me sentir mais confortável com isso.”*

Corroborando com a proposta de Scherer-Warren (2005), que nos diz que o empoderamento originado no meio online é uma consequência clara da troca de vivências nas redes, as respostas evidenciam que os produtores de conteúdo desempenham um papel crucial no entendimento desses

jovens sobre o universo LGBTQ+ e suas sexualidades, seja compartilhando suas histórias, gerando identificação, ou dando conselhos sobre como agir em determinadas situações. O compartilhamento de suas experiências colabora para a criação de uma identidade coletiva, fazendo com que os indivíduos se reconheçam uns nos outros (SCHERER-WARREN, 2005).

Os 13% dos jovens que relataram identificação e sentimento de amizade para com os influenciadores mostram que os resultados preliminares de Fox (2016) se repetem com o público brasileiro, evidenciando que os jovens enxergam os youtubers com proximidade suficiente para dar credibilidade aos seus relatos e opiniões. Isso deixa claro que a internet e, mais especificamente, o YouTube seguem sendo meios de construção bilateral de conhecimento e informações, já que o compartilhamento de vivências e possibilidade de contato próximo com os seguidores faz com que youtubers sejam assertivos sobre o que o público precisa e deseja.

Se unirmos os dados sobre entendimento da própria sexualidade com os relatos sobre ajuda para assumir a sexualidade, 52% dos jovens relatou que os influenciadores auxiliaram de forma positiva. Dado que a maior parte do público online atualmente enxerga influenciadores digitais como personalidades detentoras de credibilidade (FREBERG, 2010), é natural que o conteúdo trazido por eles exerça influência sobre quem o consome. Tantos relatos de influência nascidos na internet mostram que Castells (2003) estava correto ao sugerir que as informações propagadas através da internet não podem mais ser dissociadas do mundo “não-virtual”, já que passaram a influir diretamente nas relações sociais em nosso cotidiano. Contudo, nesse caso, a influência não se limita ao consumo ou a uma forma de agir, mas a uma reivindicação identitária e política perante a sociedade.

Como levantado anteriormente na questão 2 sobre identificação de orientação sexual e identidade de gênero, houve uma pequena, porém significativa participação de jovens que se autodeclararam exclusivamente como heterossexuais. Na presente questão, 27% dos jovens declararam que os influenciadores os ensinaram algo sobre a temática LGBTQ+. Dessas, 16% vieram dos jovens heterossexuais, mostrando que a função educadora é, de fato, a exercida sobre essa fração do público. Pode-se observar que nenhum desses jovens relatou experiência negativa com os youtubers ou algum sentimento como confusão sobre suas sexualidades ao consumir esse tipo de conteúdo. Ao contrário, as respostas trazem relatos positivos sobre reflexão, empatia e entendimento de questões que afetam outras pessoas.

Sendo o ciberespaço uma ferramenta de mediação onde todas as informações se conectam de forma universal e totalizadora (LÉVY, 1999), são claros os efeitos de trazer pautas sociais para a linguagem da internet, já que essa é a mais próxima do público em questão. Por estarem imersos na cultura digital, a internet pode ser o espaço ideal para trabalhar a conscientização de jovens sobre temas sociais ou assuntos que ainda são considerados tabus em outras instâncias da sociedade.

A cultura participativa proposta por Jenkins (2008) mostra seu importante papel para o sucesso e alcance desses discursos sobre diversidade. Por proporcionar uma sensação de diálogo e proximidade, como podemos perceber em algumas respostas de entrevistados que dizem ver os youtubers como amigos, o meio digital pode oferecer uma convergência muito maior entre o online e o offline. A proximidade com o público permite a construção bilateral de um conteúdo que ajuda tanto o influenciador quanto o espectador, criando um produto que, de fato, carrega uma influência positiva para o consumidor final. A criação dessa cultura e de um diálogo em tempos anteriores à era digital seriam, no mínimo, muito mais difíceis, tornando claro o papel da internet e das redes sociais em questões de cunho coletivo.

Esses resultados nos mostram a importância da propagação de discursos sobre diversidade. Como Fachinni (2005) já deixou claro, o crescimento da visibilidade da comunidade LGBTQ+ a partir dos anos 90 só foi possível pelo forte empenho de seus membros em melhorar sua imagem através de paradas, passeatas, projetos de lei e repetidas tentativas de inclusão da temática LGBTQ+ na cultura popular. Contudo, a possibilidade de influenciadores LGBTQ+ produzirem seu próprio conteúdo e propagá-lo de forma completamente autônoma traz efeitos jamais vistos em termos de representatividade. É perceptível que seu trabalho, além de auxiliar jovens LGBTQ+ em suas questões pessoais, atua ativamente na propagação da luta contra o preconceito e leva conhecimento a uma parcela de jovens que podem vir a se tornar agentes dessa luta, mesmo que ela não seja sobre eles mesmos.

5. CONCLUSÃO

Analisando as respostas do público de interesse proposto para essa pesquisa, o intuito deste trabalho era investigar a existência de influência exercida por produtores de conteúdo digital na percepção e formação identitária do jovem LGBTQ+ brasileiro, além de suas relações com esses formadores de opinião durante a fase de descoberta, empoderamento e senso de pertencimento a uma comunidade.

A necessidade do estudo fica evidente quando observamos as diferentes formas de relacionamento trazidas pela internet e, junto a elas, novos locais de prestígio que atravessam a barreira entre o online e o offline. Investigamos, especificamente, os efeitos dessas novas figuras de referência na percepção do jovem LGBTQ+ brasileiro, por entender a necessidade e a importância que figuras representativas possuem quando se faz parte de uma minoria sub-representada nos meios de comunicação convencionais.

Para atingir os objetivos e chegar aos resultados esperados, utilizou-se o método de pesquisa participativa com membros da comunidade em questão, de forma que os dados puderam ser analisados, posteriormente, de forma quantitativa e qualitativa. Devido à facilidade de propagação e suposta afinidade do objeto de pesquisa com o meio digital, a pesquisa foi realizada de forma inteiramente online através de formulários, respeitando alguns critérios pré-estabelecidos. Através de grupos de discussão online de nicho e contando com a boa vontade de seus integrantes, conseguimos um número significativo de respostas para a conclusão do projeto.

A análise levou em consideração a necessidade que esse público possui de reprimir e/ou esconder sua identidade sexual, bem como os motivos propostos na literatura para isso. Os resultados apontam que os produtores de conteúdo exercem uma influência majoritariamente positiva sobre seu público, auxiliando-o em diferentes etapas da descoberta identitária LGBTQ+ que vão desde o entendimento do que este jovem é e sente, até a assunção de sua identidade para amigos e familiares. Além disso, descobriu-se que um dos grandes valores desses produtores de conteúdo está no fato de eles serem uma fonte didática de informações sobre a temática, não somente para jovens LGBTQ+, mas também para jovens heterossexuais, que depositam confiança suficiente nesses influenciadores para enxergá-los como figuras de autoridade no assunto.

De forma mais ou menos indireta, os resultados mostram uma proximidade com toda a literatura proposta. Contudo, podemos ressaltar alguns pontos de maior concordância teórica. Além de ser favorável à comprovação de um poder transformador transformador da internet citado por Castells (2003) e corroborar com o discurso de Jenkins (2008) sobre a propagação de ideias que transcendem seus meios originais, a presença na internet de pessoas que criam conteúdo com o intuito de compartilhar suas experiências enquanto ser oprimido podem ser vistas como o devir-minoritário

de Guattari (1986) em ação. Afinal, somente a inquietação trazida pelo reconhecimento de sua identidade enquanto minoria é capaz não somente de levar jovens a compartilhar vivências publicamente, mas também de levar outros jovens a buscar e consumir esse conteúdo.

No que diz respeito a esse reconhecimento e desenvolvimento de identidades, as respostas nos mostram que a importância da representatividade citada há anos por Troiden (1988) permanece nos dias atuais através das novas mídias e tecnologias. Os resultados deste trabalho também caminham junto a Fachinni (2011), trazendo ideias importantes sobre o papel da busca por informação e figuras representativas no reconhecimento e empoderamento dessas pessoas. Ainda que de forma preliminar, a conclusão corrobora, ainda, com os resultados de Fox (2016) sobre a importância de influenciadores e da identidade LGBTQ+ no meio online, mostrando as mesmas tendências no público jovem brasileiro.

Supõe-se que a influência se dá através da produção de conteúdo engajado ou através da simples presença da figura LGBTQ+ nesses programas, mostrando a importância da representatividade. Sendo assim, através de um maior entendimento das articulações de pessoas LGBTQ+ no meio online e das relações trazidas pelas novas tecnologias, espero que este estudo traga luz à questões importantes sobre o desenvolvimento de jovens que, desde cedo, precisam enfrentar preconceitos estruturais extremamente danosos ao seu desenvolvimento e autoestima, sendo mais uma ferramenta de luta e resistência para essa população.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **Guia de Prevenção das DST/AIDS e Cidadania para Homossexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. 1. ed. Brasília: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMPOS, G. B. DE. **REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA E REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA - Meios de Comunicação, Sociedade em Rede e Cidadania Global**. 2011. 180 f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://midiacidada.org/img/Dissertacao_final_GBC.pdf>. Acesso em: 1 out. 2017.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. _ . A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DEHAAN, S. *et al.* **The Interplay between Online and Offline Explorations of Identity, Relationships, and Sex: A Mixed-Methods Study with LGBT Youth**. 2009. Disponível em: <<http://content-ebSCOhost-com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/ContentServer.asp?T=P&P=AN&K=22489658&S=R&D=mdc&EbscoContent=dGJyMNHr7ESeqLE4v%2BbwOLCmr0%2Bep7ZSr6u4SrOWxWXS&ContentCustomer=dGJyMPGqsUuurrZQuePfgeyx44Dt6fIA>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

DELEUZE, G. **Conversações**. Edição: 1a. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FACCHINI, R. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. In: Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org.). **Psicologia e diversidade sexual**. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2011. (Caderno Temático 11). Disponível em: <http://www.crpSP.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx>. Acesso em: 8 mai. 2017.

FACCHINI, R. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico.** Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, v. 10, n.18- 19, p. 79-123, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510/1920>>. Acesso em: 8 mai. 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

FOX, J.; RALSTON, R. **Queer identity online: Informal learning and teaching experiences of LGBTQ individuals on social media.** *Computers in Human Behavior*, v. 65, p. 635–642, dez. 2016. Disponível em: <<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S074756321630437X>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

FOX, J.; WARBER, K. M. **Queer Identity Management and Political Self-Expression on Social Networking Sites: A Co-Cultural Approach to the Spiral of Silence.** *Journal of Communication*, v. 65, n. 1, p. 79–100, fev. 2015. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/jcom.12137>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

FREBERG, K., GRAHAM, K., MCGAUGHEY, K., FREBERG, L.A. (2011). **Who are the social media influencers? A study of public perceptions of personality.** *Public Relations Review* 37, 90–92. Disponível em: <http://ac-els-cdn-com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/S0363811110001207/1-s2.0-S0363811110001207-main.pdf?_tid=6b5dd158-3283-11e7-b4bc-00000aacb35f&acdnat=1494092748_d8178ed2a7234066be9f2782171f578f>. Acesso em: 2 mai. 2017.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural : Brasiliense, 1985.

GRANJA, B. **Pesquisa youPIX | Influencers Market 2016 – YOUPIX / we.** Disponível em: <<https://medium.youpix.com.br/pesquisa-youpix-influencers-market-2016-23a71e50fa13>>. Acesso em: 8 maio 2017.

GREEN, M.; BOBROWICZ, A.; ANG, C. S. **The lesbian, gay, bisexual and transgender community online: discussions of bullying and self-disclosure in YouTube videos.** *Behaviour & Information Technology*, v. 34, n. 7, p. 704–712, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/0144929X.2015.1012649>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GÜNTHER, H. **Qualitative Research Versus Quantitative Research: Is that Really the Question?** v. 22, n. 2, p. 201–210, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

HALL, S. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HORST, H. A.; MILLER, D. **Digital Anthropology**. Londres: Berg, 2012.

ILGA. **SEXUAL ORIENTATION LAWS IN THE WORLD - CRIMINALISATION**.

Disponível em:

<http://ilga.org/downloads/2017/ILGA_WorldMap_ENGLISH_Criminalisation_2017.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Trad.: Susana Alexandria. São Paulo: ALEPH, 2008.

LÉVY, P. **Ciberespai i cibercultura**. *Digithum: Las humanidades en la era digital, ISSN-e 1575-2275, N.º. 1, 1999*, v. 1, n. 1, p. 1, 1999.

MARQUES, A. C. S.; NOGUEIRA, Erika. D. **Estratégias de visibilidade utilizadas por movimentos sociais na internet**. Revista Comunicação Midiática (Online), v. 7, p. 138-161, 2012.

Disponível em:

<<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/download/209/135>>. Acesso em: 8 mai. 2017.

MARQUES, A. C. S. **Representações de vínculos homoeróticos em telenovelas: do estigma à reconstrução do sentido**. Ciberlegenda (UFF, Online), v. 22, p. 40-58, 2010. Disponível

em:<<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/download/209/135>>. Acesso em: 8 mai. 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. SOUSA, Mauro Wilton de (org). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 2002. P. 39-68.

_____. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dennis de (org). Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAYRING, P. **Einführung in die qualitative Sozialforschung [Introdução à pesquisa social qualitativa]**. 2002. Disponível em: <<http://tocs.ulb.tu-darmstadt.de/4660121X.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

NORTON, M.; ARIELY, D. **The IKEA effect: how labor leads to love**. ACR, 2007. Disponível em: <<http://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/11-091.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2017.

OLIVEIRA, N. **Redes Sociais | História e Guia Completo**. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.natanaeloliveira.com.br/a-historia-das-redes-sociais>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PARISER, E. **O Filtro Invisível - O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RONSINI, V.; DE OLIVEIRA-CRUZ, M.; PREDIGER, S. “**Malhação Identidade**”: A interação juvenil na cultura da convergência. *contemporanea | comunicação e cultura*, v. 10, p. 391–409, 2012.

SANDOVAL-ALMAZAN, R.; RAMON GIL-GARCIA, J. **Towards cyberactivism 2.0? Understanding the use of social media and other information technologies for political activism and social movements**. *Government Information Quarterly*, v. 31, n. 3, p. 365–378, 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com.ez29.capes.proxy.ufrj.br/science/article/pii/S0740624X14000902>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SCHERER-WARREN, I. **Redes sociales y de movimiento en la sociedad de la información**. *Nueva Sociedad*, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/28085155_Redес_sociales_y_de_movimiento_en_la_sociedad_de_la_informacion>. Acesso em: 11 jun. 2017.

SODRÉ, M. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (Eds.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2009.

TERRA, L. C. **A “galáxia da internet”: uma reflexão sobre as novas formas de comunicação e sociabilidade nas redes sociais**. [S.d.]. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0025-1.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2017.

TROIDEN, R. R. **Homosexual Identity Development**. *Journal of Adolescent Health Care*. Department of Sociology-Anthropology, Miami University. p. 105–113, 1988.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. [S.l: s.n.], 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

VIVIENNE, S. **Digital storytelling as everyday activism : Queer identity, voice and networked publics**. *Creative Industries Faculty; School of Media, Entertainment & Creative Arts*, 2013. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/60660/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

XIE, C.; BAGOZZI, R.; TROYE, S. **Trying to presume: toward a theory of consumers as co-creators of value**. *Journal of the Academy of Marketing Science*, v. 36, 2008. p. 62-78.

ANEXOS

ANEXO 1 - Questionário

1 - Quantos anos você tem?

2 - Como você se identifica?

- Lésbica
- Gay
- Bissexual
- Transexual
- Intersexual
- Assexual
- Não-Binário
- Pansexual
- Heterossexual
- Outro (escreva)

3 - Quais desses canais/influenciadores LGBT você segue e/ou acompanha? (Marque quantos quiser).

- Afrontay
- Afros e Afins (Nátaly Neri)
- Bixa Melhore
- Caio Braz
- Canal das Bee
- Chá dos 5
- Diva Depressão
- Eduardo Bressanim
- Federico Devito
- Fernando Escarião
- Fora da Casinha (Guigo Kieras)
- Fotografando à Mesa
- Gayrotos

- Guilherme Pintto
- Hugo Nasck
- Louie Ponto
- LubaTV
- Maicon Santini
- Mandy Candy
- Muro Pequeno (Murilo Araújo)
- Para Tudo (Lorelay Fox)
- Pietra de Pinho
- Põe na Roda
- Transdiário
- Viaje com a Cris
- Outro (escreva)

4 - Alguma dessas pessoas teve influência em sua relação com a própria sexualidade e/ou identidade de gênero?

- Sim, positivamente.
- Sim, negativamente.
- Não.
- Não sei dizer.

5 - Se sim, como foi essa influência? (escreva)